



UFCEG - Campus de Cajazeiras - PB.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

THAYS BARROS DE SOUSA



CAJAZEIRAS – PB
NOVEMBRO – 2012

Thays Barros de Sousa

O CANGAÇO NA FIGURA DE LAMPIÃO:
A imagem de um cangaceiro memorizada nos folhetos de cordel

Monografia apresentada à Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, para obtenção do título de licenciada em História.

ORIENTAÇÃO: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos

Cajazeiras – PB
Novembro – 2012

THAYS BARROS DE SOUSA

O CANGAÇO NA FIGURA DE LAMPIÃO:

A imagem de um cangaceiro memorizada nos folhetos de cordel

**Monografia de Licenciatura avaliada em ___/___/_____ com
conceito _____**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos - UFCG
(Orientador)

Prof. Ms. Rosilene Alves de Melo - UFCG
(Examinadora)

Prof. Ms. Wescley Rodrigues Dutra – UEPB/FAFIC
(Examinador)

Prof. Ms. Francisco Firmino Sales Neto - UFCG
(Suplente)

Cajazeiras, ____ de _____ de 20 ____.

Ao Primo, Irmão e Amigo... Magno Fernandes de Sousa (In Memoriam) por quem carrego uma infinita saudade...

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus do impossível, que me deu força suficiente, para que eu não desistisse no meio do caminho, me protegendo e iluminando em todos os momentos que estive longe de casa, de meus pais e tudo me parecia tão difícil. Hoje sei que as dificuldades, o medo, a dúvida e o cansaço seriam necessários para que eu alcançasse a minha vitória.

Em especial agradeço aos meus pais Gilvan Tavares e Lucia Medeiros. Foram por eles que consegui, é por eles que vivo. Nunca esquecerei do cuidado e da ajuda. *Painho e mainha*, com vocês eu aprendi que nada conseguimos sem força de vontade. A vocês todo o meu amor e o meu agradecimento.

Agradeço as minhas irmãs Thialla Barros e Thayane Barros que me ajudaram nos momentos mais difíceis desta caminhada. Como também á Wallace Pires e Ivanusa Pires por toda ajuda que me concederam no período de construção deste árduo trabalho.

Ao meu orientador professor Dr. Rodrigo Ceballos, devo o meu agradecimento por não ter desistido de minhas pesquisas e por ter me guiado pelos caminhos da História.

Em especial também agradeço a professora Rosilene Alves de Melo, que jamais imaginei que a autora de *Arcanos do Verso*, que até o término da leitura do livro não a conhecia, fosse esta pessoa tão humilde e prestativa. Posso dizer que aprecio o conhecimento, a simpatia e a humildade da mesma. Por isso, devo meus agradecimentos e por ela tenho a maior admiração do mundo.

Agradeço á Wescley Dutra, ao professor Firmino Sales Neto, a Joana Sousa e Marta Maria que sempre se mostraram prontos para me ajudar.

Agradecerei sempre aos meus colegas do curso de História do período 2008.1, com quem compartilhei momentos difíceis e felizes durante tanto tempo. Posso dizer que esses foram os melhores anos de minha vida!

Não podendo esquecer às minhas AMIGAS: Anna Cyntia Gonçalves, Ana Paula Nunes, Rosimeire Pereira, Evaniete Maria, Tamiris Isidório, Gislânea Nunes, Francisca Soares, Laíse Diniz, Raíza Ramalho, Elyseângela Soares, Luciana de Sousa e Maria José. Quando eu falar de amizade verdadeira, sempre lembrarei de vocês, que foram mais do que *colegas de sala*, foram minhas companheiras, minhas grandes amigas.

Minha madrinha Vanda Cabral que esteve presente em toda a minha vida acadêmica, uma das principais pessoas que me ajudou do início ao término do meu curso. Obrigada Madrinha.

A minha tia Lucivenus e seu esposo Francisco serei sempre grata por todos os longos anos em que me hospedaram em sua residência. Agradeço aos meus primos David Medeiros e Davylla Dayanny, à Joanselma Medeiros, Ernani e o pequeno João Pedro, as quais puderam conviver e compartilhar bons momentos durante muito tempo. Confesso que sentirei uma saudade imensa desses dias...

Enfim, agradeço á todos àqueles que acreditaram em meu trabalho e em minha capacidade: Joedna Cavalcante, Gessica Dias, Cabral Feitosa, Antônio Carlos, Fifia Marculino, Wladya Vieira, Mônica Raquel Fernandes, Welton Duarte e minha avó paterna Sebastiana Maria. Agradeço também aqueles que de algum modo torceram para que eu não conseguisse chegar até aqui, isso só aumentou o meu desejo de vencer. Felizmente o Rei dos reis esteve sempre ao meu lado e colocou em minha vida grandes pessoas que me ajudaram a todo o momento. Este trabalho nada mais é do que o resultado de longos meses de estudo, de noites em claro, de tardes em bibliotecas, de sacrifício, de paciência, de dedicação, de gosto... mas é, antes de tudo, a realização de um grande sonho.

Painho e Mainha esse não é o presente que eu deixo a vocês, mas que vocês deixam a mim: O conhecimento e a força de vontade. Agora sei que através disso podemos romper qualquer barreira nesta vida. A vocês o meu MUITO OBRIGADA!

O cordel permite salvar o que está escrito da morte. Artifício contra o esquecimento, também é lavoura, trabalho, suor, inteligência. Requer inscrição, revisão, impressão, desejo de leitura. Pede corte de papel, dobra de páginas, condução na bagagem, abrigo da chuva, proteção de arquivo, trabalho de pesquisa. Em troca, faz a quem se entrega rir, chorar, romper com a temporalidade, se deslocar no espaço, transpondo os limites do corpo que é frágil e da razão que calcina o sonho.

(MELO, Rosilene Alves de. 2010).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a apresentação e discussão por meio da literatura de cordel da imagem de Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, o maior representante do cangaço, como fenômeno característico da região Nordeste do Brasil. O cangaceiro Lampião ocupa lugar privilegiado nos discursos presentes na literatura de Cordel. Nos versos escritos entre 1926 e 2001 sua imagem é apresentada em sua ambiguidade: ora como herói e justiceiro, ora como bandido sanguinário. Este trabalho propõe uma discussão acerca das formas de representação deste cangaceiro, ou seja, dos vários “Lampiões” presentes nesta literatura.

Palavras-chave: Nordeste, Cangaço, Lampião, Cordel, Representação.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 09 |
| 1 O SERTÃO NORDESTINO E AS ATUAÇÕES DO CANGAÇO | 11 |
| 1.1 A Literatura de Cordel..... | 17 |
| 2 EM MEIO A TANTOS CANGACEIROS LAMPIÃO SE DESTACA: SUA IMAGEM APRESENTADA PELOS CORDELISTAS | 22 |
| 3 O POETA JOÃO MARTINS DE ATHAYDE | 42 |
| 3.1 Lampião representado nos versos do poeta João Martins de Athayde | 48 |
| CONCLUSÃO | 65 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 67 |

INTRODUÇÃO

O Cangaço compõe um dos maiores ciclos temáticos na literatura de cordel. Como parte da cultura nordestina, essa literatura representa uma memória social. Diversos são os assuntos narrados pelos cordelistas: religião, política, seca, moralidade e outros.

A imagem de Lampião nos folhetos de cordel é apresentada em meio a contrastes. Poetas como José Pacheco (1890), Rodolfo Coelho Cavalcante (1919), Manoel D’Almeida Filho (1903) e outros, narram versos que contam feitos, histórias que vão desde a infância até a morte do cangaceiro em Angicos, no ano de 1938.

O período que corresponde ao ano de 1926 a 2001, marca um grande contraste entre os poetas que narraram ou narram versos sobre o cangaceiro Lampião. Período esse, marcado pelo trabalho desses poetas cantadores, que buscaram na memória sertaneja a inspiração para seus versos.

Um dos filhos do simples fazendeiro José Ferreira da Silva e de sua mulher Maria Lopes, recebeu o nome de Virgulino Ferreira da Silva, nome esse que seria posteriormente conhecido na história do país. Virgulino teve infância e adolescência não muito conturbada, aprendeu a ler e a escrever. Porém, uma confusão envolveu a família de José Ferreira da Silva com seu vizinho José Saturnino, por causa, do roubo de um chocalho. O conflito terminou com a morte do pai de Virgulino em 1920.

Revoltados, Virgulino e dois irmãos juntaram-se ao bando do cangaceiro *Sinhô* Pereira para vingar a morte do patriarca José Ferreira. Esse seria um momento decisivo, que faria da vida de Virgulino escuridão e incerteza.

No ano de 1922, *Sinhô* Pereira abandonou o bando e conseqüentemente Virgulino Ferreira, conhecido agora como Lampião devido à forma com que atirava como um “lâmpião no escuro”, passou a assumir a chefia do bando que praticava ações de banditismo em vários estados nordestinos.

Lampião é considerado o maior bandido da história do cangaço. Mesmo com a existência de outros bandos, o seu foi o maior, chegando até mesmo contar com cem homens.

A imagem deste cangaceiro é estudada e analisada por diversos historiadores. Ele é visto numa dualidade, onde é apresentado como bandido e herói. Lampião deixava-se fotografar e registrar os momentos de lazer de seu bando. Tornou-se um símbolo da história do nordeste brasileiro, sendo praticamente impossível falar de Nordeste e não citá-lo.

Além de ser destaque na historiografia, a figura singular de Lampião está presente na literatura de cordel. Como um dos principais temas de versos cordelianos, Lampião é

apresentado pelos poetas ora como herói, ora como bandido sanguinário. João Martins de Athayde foi um grande poeta e editor de folhetos. Paraibano nascido no ano de 1880 no pequeno povoado de Cachoeira de Cebolas, registrou em seus versos a imagem desse cangaceiro, o que também será foco neste trabalho.

No primeiro capítulo apresento o contexto social em que os sertanejos nordestinos se encontravam na época em que os primeiros indícios de violências praticadas por cangaceiros surgiram. As formas de relações sociais e de sobrevivência daquele povo. Os fatores que possivelmente impulsionaram a formação de homens armados.

Enfatizo a literatura de cordel e as suas formas de representação e aceitação pelo público leitor. Sobretudo como se desenvolveu no nordeste brasileiro e contribuiu para um fascínio da história do cangaço e de Lampião.

No segundo capítulo, uma discussão é feita em torno da imagem de Virgulino Ferreira da Silva – Lampião, isto é, como o mesmo se destacou na história do cangaço e construiu sua própria imagem de cangaceiro. Sua vida e atuação no Nordeste ganham destaque neste capítulo. Apresento também o nítido contraste existente nos versos sobre ele, uma vez que os poetas apresentam-no como herói, bandido, homem de honra e justiceiro.

No terceiro capítulo, João Martins de Athayde (1880-1959), poeta paraibano e renomado na história da literatura de cordel no Brasil torna-se o foco das discussões. Assim como outros poetas escreveu versos sobre o cangaceiro Lampião. Um poeta que merece destaque por suas contribuições no processo de produção de folhetos e principalmente no desenvolvimento desta literatura no país.

1 O SERTÃO NORDESTINO E AS ATUAÇÕES DO CANGAÇO

*Há muitos anos passados
O cangaço era normal
Pelos sertões do Nordeste,
Parecendo até legal,
Para quem via no crime
A lei do seu tribunal.*

(Manoel D'Almeida Filho)

O objetivo central deste capítulo não se trata de uma discussão ampla e detalhada acerca da origem e desenvolvimento do Cangaço. Contudo, torna-se inicialmente necessário uma breve abordagem sobre este fenômeno e o lugar social em que ele surgiu como também à contribuição da literatura de cordel para a construção da imagem do cangaceiro e do fenômeno cangaço.

Assim como o ataque de Canudos, o Cangaço constitui um fenômeno característico do Nordeste brasileiro. Como uma forma de banditismo, marcou a história dessa região entre o final do século XIX e início do século XX. Na concepção de Hobsbawm (1975) historiador inglês, banditismo seria um fenômeno de caráter universal, natural das sociedades baseadas na agricultura e tendo como mobilizadores os explorados e oprimidos. Segundo Hobsbawm:

O ponto básico a respeito dos bandidos sociais é que são proscritos rurais, encarados como criminosos pelo senhor e pelo Estado, mas que continuam a fazer parte da sociedade camponesa, e são considerados por sua gente como heróis, como campeões, vingadores, paladinos da Justiça, talvez até mesmo como líderes da libertação e, sempre, como homens a serem admirados, ajudados e sustentados. (HOBSBAWM, 1975, p.11).

Homens revoltosos e ousados do sertão ingressavam no mundo do crime, organizavam-se em bandos e eram chamados de cangaceiros. Baseando-se na discussão de Hobsbawm (1975), podemos compreender também que os cangaceiros não eram vistos somente como bandidos, criminosos. Na memória coletiva sertaneja referenciada principalmente através da literatura de cordel o cangaceiro ocupa um lugar de herói, justiceiro, aquele que fazia prevalecer suas próprias leis.

Raimundo José da Silva em sua dissertação de Mestrado que tem como título *Identidades e Representações do Nordeste na Literatura de Cordel* (2008), afirma que:

Esses bandos de rudes salteadores, a maioria constituída de pessoas de origem humilde, geralmente do campo, sob a liderança de um chefe,

impunham seu próprio conceito de moral, honra, justiça e religiosidade. Com algumas diferenças, esses criminosos usavam uma indumentária semelhante à dos vaqueiros do Nordeste: roupas de couro que os protegiam da vegetação espinhosa da caatinga; porém traziam os casacos cruzados por correias sobre os tórax e ombros, com as armas de fogo atravessadas nas costas, o que lhes dava a aparência de bois no jugo, ou na canga. Daí a origem do nome desse movimento fora da lei, Cangaço. (SILVA, 2008, p.25)

Os cangaceiros estavam sempre fortemente armados, possuíam um estilo próprio de vestimentas, usavam lenços no pescoço, sandálias e chapéus de couro. Esses homens desafiavam as autoridades locais e cometiam ataques onde passavam.

No início do século XX foram organizadas as Forças Volantes para perseguir e combater os cangaceiros, e durante quase vinte anos cumpriu a sua principal função. As Forças Volantes ganharam impulso sob o regime de Getúlio Vargas e possivelmente seria um refúgio para a população sertaneja, que temia e sofria agressões dos grupos de cangaceiros. Entretanto, cabe enfatizar que essa organização policial nem sempre estava disposta a proteger a população. Muitas vezes, ações violentas partiam dos próprios policiais. Gustavo Barrozo (1930), considerando o cangaço como o fruto de uma energia bárbara afirma que: “As policia lançadas contra os cangaceiros são geralmente peores do que elles e taes violências praticam que o sertanejo pacífico contra ellas se revolta e prefere acoutar os criminosos que a desafiam”. (BARROZO, 1930, p. 14).

Deve-se atentar para o fato de que as forças policiais não cumpriam completamente o seu papel de proteger a população. Sabem-se que as Volantes praticavam crimes tão perversos quanto os cangaceiros. Barrozo (1930) chega a afirmar que a polícia dos estados nordestinos eram verdadeiras “fábricas de cangaceiros”. Segundo o autor, o sertanejo detestava o policial, pois esse perseguia os pobres e ajudava os ricos. Ele apresenta num artigo do jornal *O Ceará*, datado de 21 de junho de 1927, que serve de exemplo para reforçar suas afirmações. O artigo discorre sobre a passagem pacífica de Lampião no cariri, o qual ele não causou nenhum mal a população. Entretanto, não teria acontecido o mesmo com as forças policiais de Alagoas e Pernambuco, que durante sua estadia no Cariri teriam praticado violência naquela região.

Dessa forma, podemos perceber que as forças policiais não poderiam ser vistas apenas como um refúgio para a população sertaneja que sofria com as ações dos cangaceiros naquela época, embora, tenha perseguido esses bandos e exterminado o maior grupo de cangaceiros em 1938, o de Lampião, por onde as Forças Volantes passavam deixavam rastros de violências.

As principais áreas onde os cangaceiros atuaram vão desde o Litoral Norte do Rio Grande do Norte até a parte central da Bahia. Marcado pela escassez de chuva, pelo analfabetismo e também pela fome, o sertão nordestino foi criado historiograficamente como o espaço do atraso, da pobreza, da desigualdade social, de grandes secas e do poder econômico de grandes coronéis que submetiam os sertanejos pobres praticamente à semi-servidão.

De acordo com José Vieira Filho, em sua obra *Lampião o Sertão e sua Gente* (2008) as condições geográficas do sertão nordestino foi um fator que somado a outros de estrutura política e social pôde contribuir e influenciar as ações do cangaço. A região tinha como principais atividades produtivas a agricultura e a pecuária. Porém, com as secas, próprias da região, essas atividades eram extremamente afetadas.

Conseqüentemente, com a falta de chuvas a população sofria de forma drástica com a fome, uma vez que essas atividades constituíam a base econômica da região. Vieira (2008) cita que: “Os problemas de estiagem vem a somar a outros de origem estrutural [...]”. (VIEIRA, 2008, p. 22). Nessa perspectiva ele assinala alguns fatores como a ocupação econômica da região, que era marcada pela dominação econômica do latifúndio e organizada politicamente pelo coronelismo sertanejo.

Sabe-se que o coronelismo é uma característica marcante da sociedade sertaneja desde fins do século XIX. O coronel seria um homem de prestígio, que detinha nitidamente o poder político local, e isso muitas vezes gerava revolta em grande parte dos sertanejos.

Em uma abordagem mais ampla, Maria de Lourdes M. Janotti em seu livro *O Coronelismo: uma Política de Compromissos* (1992), explica que o coronel pode ser visto como um representante da oligarquia agrícola e mercantil, podendo dessa forma controlar o poder público. Segundo Janotti:

Comumente o Coronel era procurado para resolver questões referentes a limites de propriedades, a heranças, a pagamentos atrasados, a venda de animais, a casamentos complicados, a educação de crianças, e tantas outras que lhe aparecessem. Iam-se acumulando, destarte o número de devedores dos seus bons officios, por ser ele o intermediário privilegiado na distribuição da produção local. Convém salientar que em todas as manifestações do poder coronelístico estava subjacente a violência que presidia essa sociedade, mesmo que aparentemente se revestisse de uma feição benemerente e cordial. (JANOTTI, 1992 p.59).

Compreende-se que o coronelismo nesta sociedade representava um fator provocador de revolta. A maioria dos sertanejos mantinha vínculos com esses coronéis e subordinado a

eles tornava-se nítida uma relação de dependência dos trabalhadores para com o chefe político. Com o poder político e econômico da região nas mãos, o coronel tinha o domínio sobre aqueles que a ele estavam subordinados. O poder que o coronel possuía muitas vezes despertava o desejo de revolta por parte dos sertanejos pobres que se encontravam em condições de vida desfavoráveis, vendo no coronel o sinônimo de injustiça.

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Junior (2006), também enfoca a existência de uma organização política coronelística presente na sociedade nordestina, entre os séculos XIX e XX. Segundo Durval: “Tanto nas narrativas em torno do cangaço, como nas narrativas em torno do messianismo, das secas ou da decadência da sociedade tradicional, o coronel é uma presença constante”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p. 128). Compreende-se então que discussões em torno das ações do cangaço e da população sertaneja como cita Muniz (2006) estão necessariamente ligadas a um contexto social que envolve a figura do coronel.

Também se referindo ao sertão onde os cangaceiros atuavam, Facó (1980) diz que seria esse um ambiente “[...] onde impera a ferocidade do coronel, com toda a sua aparente mansidão, o seu falso humanismo, o seu apregoado paternalismo cristão” (FACÓ, 1980, p.58).

Para Facó (1980), o sertanejo não tinha a possibilidade de vender adequadamente a sua força de trabalho e quando conseguia isso era em fortes condições de subordinação. Dessa forma, pode-se dizer que muitos sertanejos estavam ligados à terra e aos grandes fazendeiros.

Como também explica Grunspan:

A organização política e social do sertão articula-se em torno do fazendeiro, que é dono de sua terra. Ao redor do núcleo central constituído pela família de um fazendeiro gravitam outras células familiares, ligadas a ele por laços de subordinação, de serviços e de compromissos mútuos. (GRUNSPAN, 2006, p.13).

Na maioria das vezes não havia outro caminho a seguir a não ser trabalhar para esses fazendeiros. O analfabetismo não possibilitava uma outra perspectiva de vida favorável. Dessa forma a comunidade ficava cada vez mais ligada a essa dependência. Segundo o autor Rui Facó:

Como poderia, pois, haver alfabetização, instrução, educação popular? Além disso, para que? O interesse do grande proprietário da terra é manter no obscurantismo a população local. Ele quer braços servis e não cabeças que pensem. Ninguém necessita de saber ler e escrever para pegar numa enxada.

O Governo do Estado ou do município não dispunha de verbas para gastar com escolas. As verbas iam para o bolso dos potentados locais, seus familiares e apaniguados. Mesmo que fundassem escolas – a não ser uma ou duas, na sede do município, para os filhos dos ricos ou dos remediados – os filhos dos pobres não poderiam frequentá-las. (FACÓ, 1980, p. 34).

A partir das palavras de Facó (1980), percebe-se que os grandes fazendeiros não estavam preocupados em proporcionar uma conscientização política e de educação para os sertanejos, pois para estes chefes políticos o que realmente importava era a “mão-de-obra” do sertanejo e sua exploração. Aos olhos de muitos autores que trabalham com a temática nordestina, a situação precária em que a maioria dos sertanejos vivia era o que muitas vezes fazia prevalecer o desejo de revolta. Ainda de acordo com Facó (1980), essa revolta não poderia ser evitada, uma vez que seria o fruto inevitável, a conclusão lógica de um meio social onde a possibilidade de uma vida digna se fazia ausente. Na perspectiva desse autor, a violência no sertão, o analfabetismo, a falta de justiça, como outros fatores fazia emergir a formação de bandos, cangaceiros movidos pelo desejo de revolta, de vingança. Segundo o autor: “Era mais do que natural, era legítimo que esses homens sem terra, sem bens, sem direitos, sem garantias, buscassem uma ‘saída’ nos grupos de cangaceiros”. (FACÓ, 1980, p.13).

Facó (1980) ressalta que essa revolta não estava ligada de forma direta a uma luta pela terra, mas sim em função dela. Seria uma luta pelo fim da dominação latifundiária semifeudal, uma revolta diante da situação a que estavam submetidos. Assim muitos homens ingressavam no mundo violento do cangaço para lutar contra coronéis, fazendeiros que os exploravam, e até mesmo para lutar contra aquele meio social que não lhe permitia viver dignamente.

Contudo cabe enfatizar que nem sempre os coronéis eram vistos desta forma. Para muitos cangaceiros os coronéis serviam de *coiteiros*¹, e davam-lhe proteção em troca de favores, forneciam informações sobre as forças policiais. Tratava-se de uma relação que favorecia ambos. Em sua dissertação Raymundo José da Silva afirma que:

Por muitos anos, os cangaceiros percorreram quase todos os Estados nordestinos, espalhando terror e saqueando cidades e fazendas, estimulados pela proteção de coronéis, os “coiteiros”, que os usavam, sobretudo ao bando de Lampião, para manutenção do poder e conseguir objetivos pessoais, como cobrança de dívidas ou vingança contra inimigos. (SILVA, 2008, p. 25).

Outra característica marcante da sociedade sertaneja nordestina seria a violência.

¹ O “coiteiro” nesta perspectiva trata-se do homem que “protegia” o cangaceiro e lhe fornecia informações sobre as forças policiais.

Considerando que nas décadas de 1920 e 1930, essa região tinha tornado-se num cenário de ações violentas, geralmente cometidas por cangaceiros e também pelas Forças Volantes, alguns autores apontam para o fato de que antes da existência de bandos, a violência já estava enraizada nos moldes sociais daquela região. Grunspan cita que:

As formas de violência no sertão são inseparáveis do modo de vida de seus habitantes tanto no exterior como no interior de um grupo. A violência pode manifestar-se sob a forma de conflitos entre vizinhos, de lutas sangrentas entre famílias rivais ou de conflitos políticos entre potentados locais, os *coronéis*, para a dominação de uma região. A marca da violência está presente desde a colonização portuguesa, quando o domínio do sertão passava pela luta contra os índios pela apropriação de um território. (GRUNSPAN, 2006, p. 15).

As lutas entre famílias rivais naquela época podem ser entendidas também como um fator norteador no surgimento do cangaço. Homens dotados de ódio procuravam vingar as injustiças causadas às suas famílias. O sentimento de revolta transformava o sertanejo pobre num homem cruel, rebelde, mas também num herói em busca de justiça. A luta entre a família Ferreira e Nogueira torna-se exemplo dessa questão, pois foi ao tentar vingar a morte de seu pai e recuperar a honra de sua família que Virgulino Ferreira da Silva tornou-se o destemido Lampião.

Gustavo Barrozo em sua renomada obra *Almas de Lama e de Aço* (1930), também nos remete a uma abordagem sobre as formas de violência no nordeste brasileiro. Segundo o autor, as famílias nessa região travavam vinganças intermináveis que passavam de geração para geração.

Em sua dissertação de Mestrado que tem como título *Nas Trilhas do “Rei do Cangaço” e de suas Representações (1922-1927)*, Wescley Dutra (2011) explica como Gustavo Barrozo (1930), faz uma defesa dos cangaceiros. Dutra (2011) afirma que Barrozo apresenta os cangaceiros como: “[...] vítimas de uma sociedade representada sem perspectiva de futuro e crescimento, cujos governantes não tomavam medidas para melhorar os dilemas e sofrimento do povo”. (DUTRA, 2011, p.31).

Compreende-se a partir das observações de Dutra (2011), que a discussão feita por Barrozo (1930) em relação ao cangaceiro apresenta-o como produto do meio, o resultado de um ambiente desfavorável, necessitado de ajuda governamental.

O autor Wescley Dutra cita que:

(...) Em um espaço no qual não se vislumbrava maneiras de ascensão social e

nem se tinha um sistema policial e judiciário isentos de corrupção, aqueles que não eram ricos e não queriam se submeter aos mandos dos poderosos, só tinham duas opções, migrar ou cruzar as cartucheiras sobre o peito e assumir a vida de cangaceiro buscando a sua liberdade. (DUTRA, 2011, p. 47)

Como explica Wesley Dutra (2011), podemos entender que o cangaço surgia como um meio de vida, uma vez que a sociedade sertaneja desprovida de oportunidades, só tinha duas opções: seguir rumo à outra região ou viver do crime, seguindo suas próprias leis. Dessa forma, alguns sertanejos sentindo-se injustiçados seguiam os caminhos do sertão, vivendo de assaltos e crimes. Em relação ao conceito associado ao cangaço, o autor ainda nos diz que: “(...) o movimento *a priori* já tem as armas e as cartucheiras com balas cruzadas no peito, como uma forma de representação de força, ousadia e valentia”. (DUTRA, 2011, p.20). Podemos entender assim como a imagem do cangaceiro geralmente é associada ao sertanejo “cabra macho”, homem valente e corajoso do sertão nordestino.

O Cangaço, portanto, é um fenômeno que está presente principalmente na contemporânea busca pela construção de uma identidade nordestina. De acordo com Raymundo José da Silva:

Durante os últimos 70 anos, os meios de comunicação têm explorado exaustivamente todos os fatos relativos aos principais personagens que compuseram o movimento do Cangaço. Publicaram-se vários livros sobre o assunto; entrevistaram pessoas oriundas das regiões onde aconteceram os episódios mais relevantes; ouviram-se as vítimas e parentes dos criminosos, além da tomada de depoimentos de ex-cangaceiros sobreviventes. Contudo, até hoje não arrefeceu totalmente o interesse do grande público por aqueles episódios que ainda conservam alguns pormenores envoltos em mistério. (SILVA, 2008, p. 26).

A partir das palavras de Silva (2008) entendemos que as narrativas sobre o tema Cangaço não cessam, os depoimentos sertanejos contribuem para o fascínio do tema que é passado de geração para geração. Mais do que um fenômeno de revolta e violência, o Cangaço representa o sertão nordestino através de uma cultura presente nas canções de gesta, nos folhetos de cordel, em filmes e até novelas. O cangaceiro tornou-se o maior emblema do nordeste brasileiro.

1.1 A Literatura de Cordel

Um dos meios de veiculação da temática do cangaço no âmbito da cultura popular se desenvolve através dos folhetos de cordel, em que os poetas usam do discurso sertanejo, do

imagético e da fantasia para narrar os feitos e trajetórias dos cangaceiros.

A literatura de cordel ficou conhecida originalmente na Europa no século XVIII por se tratar de folhetos expostos para venda em barbantes, cordas, nas feiras e praças. Esses folhetos continham histórias de romance, aventura, fantasias e outros temas.

No Brasil os versos rimados ficaram conhecidos como *Literatura de Cordel*, na França como *Literatura de Colportage* e em Portugal esse tipo de literatura ficou conhecida como *Pliegos Suelos* (Folhas Soltas).

Em fins do século XIX e início do XX, esse tipo de literatura chega ao nordeste brasileiro. Com base na obra *Antologia da Literatura de Cordel* (1978) elaborada pela Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social do Ceará, afirmo que os folhetos constituíam inicialmente uma forma poética baseada nas lendas e histórias européias. Posteriormente, com poetas como João Martins de Athayde, Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e outros, os folhetos passaram a constituir romances e histórias propriamente brasileiras, baseados na realidade contemporânea deste país. Nessa perspectiva pode-se perceber que a literatura de cordel modificou-se, construindo novos moldes poéticos, novos temas característicos do povo brasileiro.

Os pequenos livretos geralmente de 8 ou 16 páginas compostos de versos e rimas, relatam histórias fantasiosas, engraçadas, cotidianas. Porém, mesmo narrando acontecimentos reais, o poeta não deixa de ressaltar o fantástico, o surreal e o imaginário em suas histórias.

Como cultura popular, o cordel se identifica com a região nordeste do Brasil, onde se desenvolveu inicialmente. Contudo, o conceito de “cultura popular” vem sendo objeto de estudos e discussões entre os autores.

Mark Curran (2003), mesmo exaltando a importância dos folhetos de cordel como meio de informar, ensinar e divertir o povo, os vê em certo sentido como uma “reliquia de um passado glorioso”. Segundo ele, essa literatura hoje tem pouca produção e leitura. Contudo, o autor não deixa de mostrar o valor que tem os versos, em que o poeta é jornalista, informante do povo e produz aquilo que interessa a esse povo.

Joseph Luyten (1992) também ressalta a importância dessa literatura, e assim como Curran (2003) explica que o poeta escreve seus versos de acordo com o interesse do seu público. Segundo Luyten: “(...) a literatura de cordel, como é popular, trata dos assuntos que interessam ao povo. E quando o faz, refere-se a assuntos e pessoas sob o ponto de vista popular”. (LUYTEN, 1992, p. 43).

Entende-se como o poeta é dessa forma influenciado pelo lugar social em que está inserido. Ele escreve aquilo que *vem do povo e interessa ao povo*. Luyten (1992) sugere que

se faça um estudo da literatura de cordel a partir dos próprios poetas, pois segundo ele, quanto mais se conhece sobre eles, mais se conhecerá sobre o povo, seus leitores, e os assuntos que são narrados.

Luyten (1992) afirma ainda que a literatura de cordel com o tempo deixou de ser apenas veículo de lazer e informação, e passou a ser portadora de reivindicações. Nessa perspectiva, o autor faz uma colocação importante, pois no país em que vivemos diversas são as formas de protestos, principalmente para com o sistema político. O cordel serve então como porta-voz do povo, onde são apresentadas questões de cunho social e político. O poeta, portanto mostra um ponto de vista baseado na opinião do povo. Luyten cita como essa literatura é importante uma vez que “(...) os poetas populares, através dela, mostram a verdadeira situação do homem do povo”. (LUYTEN, 1992, p. 64).

Atualmente podemos observar como o cordel ganhou espaço nas academias, sendo constantemente usado como fonte de pesquisas acadêmicas, tema de novelas e até mesmo de escolas de samba. Ele se popularizou e suas produções, mesmo com o passar dos anos não cessaram.

Para Michel de Certeau (1995), somente através da extinção do que se chama cultura popular, é que surge o interesse de estudá-la, de voltar-se sobre ela e discutir suas características, ou como ele diz: admirar a “*beleza do morto*”.

Para o autor, a construção do conceito de cultura popular é apenas um resultado de finalidade políticas. E o Popular somente teria sentido para os letrados a partir do interesse da academia pelo mesmo. Em suas palavras:

E se os procedimentos científicos não são inocentes, se seus objetivos dependem de uma organização política, o próprio discurso da ciência deve admitir uma função que lhe é concedida por uma sociedade: ocultar o que ele pretende mostrar. Isso quer dizer que um aperfeiçoamento dos métodos ou uma inversão das convicções não mudará o que uma operação científica faz da cultura popular. É preciso uma ação política. (CERTEAU, 1995, p.58).

Certeau (1995) explica que somente após a extinção de uma cultura popular, é que os estudiosos se voltam sobre ela, procurando estudar suas origens. Ou seja, enquanto a cultura estivesse em sua “efervescência” nenhum pesquisador se interessaria em observá-la, em estudá-la, porém quando essa fosse desaparecendo, tornando-se escassa então o pesquisador desejaria estudá-la, como uma busca por relíquias.

A literatura de cordel vem sendo estudada por muitos pesquisadores e estudiosos. Para Raymundo José da Silva (2008) o que contribui para uma admiração e aceitação da literatura

de cordel se deve a:

(...) singular linguagem do sertão brasileiro, rústica, colorida, irreverente, por vezes ingênua; que tem defeitos, mas também qualidades, e a maior dela foi o poder de fascinar muitos leitores, além de representar, ao menos durante certa época, os valores e o pensamento do seu povo. (SILVA, 2008, p. 57).

Na perspectiva de Silva (2008), podemos compreender o cordel como uma literatura que se deriva dos costumes do povo sertanejo, da memória coletiva desse povo sobre determinados assuntos. Entretanto, essa literatura não se limita apenas a temas voltados para a região nordestina. De acordo com Marco Antonio Gonçalves:

Fora do eixo do Nordeste a editora Luzeiro, estabelecida em São Paulo, passa a publicar na década de 60 muitos folhetos que se desviam do tema do nordeste e abordam Novelas da TV, como o direito de nascer que foi escrita em vários folhetos somando um total de 719 sextilhas ou Gabriela com 527 sextilhas escritas por Manoel d'Almeida Filho. O que é interessante a ser observado neste contexto de adaptação de novelas da TV para o cordel é que nada parece escapar da forma cordel, de seu 'estilo'. Um estilo que ultrapassa o tema propriamente dito, adequando-se a uma linguagem poética. Esta parece ser mesmo uma espécie de 'essência' do cordel, isto é, sua capacidade de adequar, de transformar, de submeter qualquer assunto e tema a sua forma poética. (GONÇALVES, 2008, p. 42)

Nota-se a partir das palavras de Marco Antônio Gonçalves (2008) como a editora de folhetos Luzeiro pôde difundir a produção de cordéis relacionados a temas distintos do cenário nordestino. O autor cita ainda que seria tarefa do cordelista trazer para os versos mundos próximos ou distantes e assim adequá-los a sua forma poética, atribuindo-lhe assim significado e também sensibilidade. Isso mostra como o cordel passou a ser desenvolvido como uma literatura não somente dessa região, mas que abrangia os mais diferentes espaços, transformando qualquer assunto em poesia.

Torna-se indiscutível na literatura de cordel a presença constante do Cangaço e seu líder maior Lampião no eixo das temáticas dos cordéis. São inúmeros os folhetos que narram histórias sobre as ações e trajetórias de cangaceiros no sertão nordestino.

De acordo com Ruth Brito Lemos Terra (1983) as ações de homens valentes sempre foram temas privilegiados dos cantadores poéticos. Segundo a autora:

O Cangaço passa a ser tema preferencial e é possível supor que contribuiu em grande medida para firmar esta literatura. É notável, então, o desencadeamento de uma produção ampla e constante (...). Na representação do cangaço, os poetas têm como horizonte um imaginário povoado de heróis antigos. (TERRA, 1983, p.81)

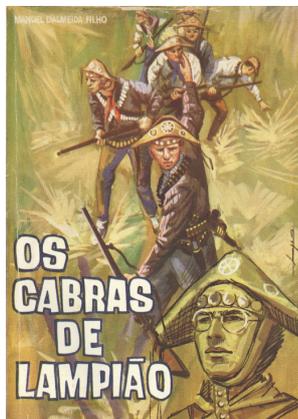
Os poetas, mesmo com o fim do cangaço não deixaram de discorrer em seus versos a história desse fenômeno. Pelo contrário. É com o fim do cangaço que nasce a figura mítica de Lampião. Centenas de folhetos foram publicados sobre esse tema. O cordel aparece hoje como fonte de pesquisa para muitos estudiosos expandindo-se por todo o país. A internet é atualmente um dos meios de veiculação e divulgação dessa literatura. Citarei aqui alguns poetas e seus respectivos folhetos que tem como tema o cangaço e Lampião, disponíveis no Acervo de Cordel Átila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e também na internet através do site da instituição. Esses registros mostram como o fenômeno do cangaço tem lugar privilegiado na literatura de cordel. Alguns deles são: Abraão Batista - *Encontro de Lampião com Kung Fu em Juazeiro do Norte*, João Martins de Athayde – *Lampião em Vila Bela*, Manoel d’Almeida Filho – *Os Cabra de Lampião*, Abraão Batista – *Zezé o Cangaceiro de Lampião*, Aldagiso Carlos de Oliveira – *A Filha do Cangaceiro*, Alexandre José Felipe Cavalcante – *Relâmpago, Trovão e Trovoada*, Antônio Amaury Corrêa de Araújo – *Lampião: origens de família e primórdios guerreiros do famoso cangaceiro*, Antonio Américo de Medeiros – *Vida de Lampião, intriga, luta e cangaço*, Antônio Teodoro dos Santos – *Lampião o rei do cangaço: lutas e façanhas*.

Esses são apenas alguns das centenas de folhetos que tratam da temática do cangaço, mostra então como o cangaço e Lampião constituem um amplo ciclo temático na literatura de cordel. Muitos não possuem data, pois a datação de folhetos é uma prática recente dos poetas. Essa literatura firmou e divulgou a imagem não só do cangaceiro, mas do homem do sertão, do trabalhador humilde e do sertanejo cabra macho.

2 EM MEIO A TANTOS CANGACEIROS LAMPIÃO SE DESTACA: SUA IMAGEM APRESENTADA PELOS CORDELISTAS

Neste capítulo inicio uma discussão em torno da figura de Lampião como os cordelistas o apresentam nos versos e em que os poetas baseiam-se nas narrações sobre o temido cangaceiro.

A região sertaneja nordestina do Pajeú, no Estado do Pernambuco, quase nunca é posta em dúvida pela historiografia analisada como local de nascimento de Virgulino Ferreira da Silva. No entanto, a data precisa de seu nascimento é até hoje objeto de discussão tanto em registros como também nos folhetos de cordel. Nas obras existentes sobre a vida de Virgulino, como também em fontes orais e folhetos de cordel, diversas datas são atribuídas ao nascimento desse cangaceiro, como 12 de fevereiro de 1898 e 7 de julho de 1897, entre outras. O poeta paraibano Manoel d' Almeida Filho, admirador assumido do também poeta João Martins de Athayde, através do folheto de sua autoria cujo título é *Os Cabras de Lampião* (s.d.) nos mostra o ano de 1900 como data de nascimento de Virgulino:



Capa ilustrativa com a imagem de Lampião.

Foi Virgulino nascido
A doze de fevereiro
Do ano mil novecentos,
Segundo diz o roteiro,
Marcado pelo destino
Já para ser cangaceiro

Contudo, a data que mais se evidencia principalmente nos folhetos é a data 4 de junho de 1898. Como exemplo disso podemos observar os versos do poeta cearense Gonçalo

Ferreira da Silva. Natural da cidade de Ipu, Gonçalo escreveu em 1983 o folheto *Lampião, O Capitão do Cangaço* onde esta mesma data é destacada:

No dia quatro de junho
De noventa e oito,
A pino estava o sol,
E Maria dava a luz
A um menino que recebera
O nome singular de Virgulino.

A relevância desta data se dá a partir do relato dos próprios sertanejos. Segundo Élise Grunspan “(...) embora nos dêem informações contraditórias, os versos de cordel se apresentam como portadores da ‘verdade’ (...)”. (GRUNSPAN, 2006, p.44). A autora afirma que a tradição popular possui as chaves que os documentos oficiais não possuíam que seria a herança do sertão representada na história oral. Em outras palavras, os cordelistas apresentam em seus versos a história do cangaço e também de Lampião baseando-se principalmente nos fatos narrados oralmente por aqueles sertanejos que vivenciaram as atividades dos cangaceiros ou que ao longo de gerações escutaram as histórias contadas por familiares mais velhos. Dessa forma os cordéis são portadores de uma história apresentada pelos próprios sertanejos, de onde também se deriva o uso do imagético nos folhetos.

Filho de José Ferreira e Maria Vieira, Virgulino, segundo Élise Grunspan, teria tido quatro irmãos e quatro irmãs. Três de seus irmãos foram batizados como Antônio, Levino e Ezequiel. São estes nomes que mais aparecem em obras sobre a vida de Lampião, uma vez que fizeram parte do seu bando. Tem-se conhecimento de que João foi o único dos quatro irmãos de Virgulino que não entrou no mundo do cangaço para assim proteger o restante de sua família (suas irmãs Virtuosa, Angélica, Maria e Anália). Porém, pouco espaço é consagrado à vida dos irmãos e irmãs de Virgulino, pois este é caracterizado em diversas obras e folhetos de cordel como personagem principal dessa trama.

É comum nas obras existentes sobre Virgulino discussões acerca da sua entrada no mundo da criminalidade e, posteriormente, no cangaço e o motivo que o levou a ser o conhecido Lampião. Em muitas dessas discussões os autores abordam um motivo em comum: que a entrada de Virgulino nesse mundo violento se daria inicialmente por meio de um conflito entre sua família (Ferreira) e um vizinho.

Autores contemporâneos mencionam que esse vizinho, em fins de 1917 quando se deu início à desavença, tratava-se de José Alves de Barros, conhecido como José Saturnino, da família Nogueira. Essa informação reforça a comum existência de desavenças entre famílias no sertão nessa época. Tais desavenças quase sempre ocorriam em virtude de invasões de

propriedades, furtos de animais e insultos entre os próprios sertanejos.

No caso da desavença entre a família de Virgulino e a de José Saturnino, o motivo que teria gerado o conflito seria o furto. Virgulino teria sido acusado por seu vizinho pelo roubo de um chocalho que servia para identificar o gado. Esse motivo que teria gerado o conflito pode ser visto também no folheto de cordel já citado *Lampião o Capitão do Cangaço*, em que o poeta Gonçalo Ferreira narra:

Tinha José Saturnino
Um filho muito estimado
José, que tomava conta da criação,
Do cercado, dos rebanhos
E até mesmo da compra
E venda de gado.

Até que um dia chuvoso
José achou pendurado
No pescoço de uma rês
Por Virgulino amassado
Chocalho de Saturnino
Quebrado, inutilizado.

Daí pra frente as famílias
Tão fraternalmente unidas
Viram de tal amizade
As bases estremecidas
Arranhões que se tornaram
As mais profundas feridas.

Neste cenário Virgulino apareceria como acusado por tal furto, pois encontrando o chocalho teria o colocado em um de seus animais e, com isso se daria o conflito, as desavenças entre as duas famílias. O que se pode perceber é que a família Ferreira teria participação nesse conflito por uma questão de honra, pois essa teria sido atingida no momento em que Virgulino era acusado de ladrão por José Saturnino. O sentido de honra nessa perspectiva estaria ligado á imagem do “sertanejo cabra macho” que conhecemos nos dias atuais, aquele que não “leva desaforo para casa”.

Durante muito tempo os conflitos entre a família de Virgulino e a de José Saturnino se estenderam. Era praticamente uma guerra sem fim, onde duas famílias se enfrentavam constantemente, despertando cada vez mais o desejo de vingança. Essa “disputa” entre famílias não poderia ter um final diferente, pois cada qual queria através da violência responder às injustiças sofridas principalmente pela família de Virgulino.

Todas as narrativas sobre Lampião, sejam elas contemporâneas ou não, sejam relatos de sertanejos, evidenciam em meio as suas divergências o mesmo fato em comum: a morte do

pai de Virgulino, José Ferreira, proveniente dos conflitos com José Saturnino. Este ocorrido faria do destino de Virgulino uma incerteza.

Yonne Rabello escreveu em 1982, os versos intitulados *Lampião - Vagalume do Sertão*, onde apresenta uma razão maior para justificar a entrada de Virgulino no mundo do crime:

Coroné só merecia ponta de faca levar
E intensa fuzilaria de quem sabia atirar
Com tamanha maestria e no perverso acertar

E quem sabia alvejar tão bom como esse peão?
Ainda vai se inventar outro igual a Lampião
Para o mundo revirar, mesmo sem ser cidadão

E qual seria a razão desse Antonio Virgulino
Passar a ser Lampião transformando em Felino
Com olhos de gavião do crime fazendo hino?

Existem dentro da gente mágoas que
São escondidas, mas um dia de repente,
Afloram sem mais medidas
Tornando o cristão descrente
Na trilha dos homicidas

(...) A morte de seu paisinho Lampião jurou vingar
Tramou tudo com carinho pelo mato se embrenhar
Pisando em pedra espinho
Da noite ao dia raiar.

Analisando os versos de Rabello, pode-se compreender uma justificativa bastante comum a respeito da entrada de Lampião no mundo do crime e posteriormente no cangaço. A morte de seu pai no ano de 1920, teria sido o principal motivo para esse ingresso.

Após a morte de José Ferreira, Virgulino adotaria as leis que deveria seguir e rapidamente ganharia fama de bandido profissional. No ano de 1922 Virgulino torna-se chefe de bando e passa a ser o conhecido Lampião. O cangaço passaria a ser seu modo de vida e um meio de realizarem a sua vingança. O sertão onde ele tinha suas tradições enraizadas seria o cenário de todas as suas atuações, vendo no cangaço um meio de realizarem a sua vingança.

Durante quase vinte anos Lampião e seu bando percorreram toda a região praticando atividades violentas. Como cita Rui Facó:

Aí começa a peregrinação de vinte anos daquele que seria depois conhecido como o *Rei do Cangaço e Governador do Sertão*. Vinte anos de assassinios, de assaltos a propriedades de grandes fazendeiros, de ataques a povoados,

vilas e até cidades, inclusive a audaciosa e malograda tentativa de dominar a segunda cidade do Rio Grande do Norte, Moçoró, bem próxima ao litoral e junto à via férrea, no ano de 1927, e a tomada das cidades de Sousa, na Paraíba, e Limoeiro, no Ceará. (FACÓ, 1980, p. 57-58).

No início do ano de 1930, Lampião conheceu Maria Gomes de Oliveira, que posteriormente ficaria conhecida como Maria Bonita. A mesma tornou-se a principal cúmplice de Lampião, ao abandonar sua terra e sua família para seguir com o cangaceiro os caminhos do sertão. Mesmo sendo mulher, não deixou de adquirir armas e trajes característicos do cangaço, logo se adaptando ao modo de vida daqueles homens. Em muitas narrativas, Maria Bonita destaca-se tanto pela sua beleza como também pela coragem e habilidade com as armas, como se desde cedo já estivesse predestinada a viver naquele mundo violento e perigoso que era o do cangaço.

Ao lado de Lampião, Maria Bonita percorreu o sertão nordestino praticando atos tão violentos quanto os praticados pelos cangaceiros. Assim como seu companheiro ela também ocupa lugar privilegiado nos folhetos de cordel e em obras sobre o Rei do Cangaço, tornando-se quase impossível falar de Lampião sem citar Maria Bonita e as atividades que desenvolveu no cangaço.

Durante muito tempo o bando de Lampião conseguiu escapar das perseguições das Forças Volantes organizadas no início do século XX para combater os cangaceiros. Porém em no dia 28 de Julho de 1938, Lampião travou aquele que seria o último embate com as forças policiais que durante muito tempo havia perseguido ele e seu bando. Neste dia na gruta de Angicos, estado de Sergipe, Lampião e seu bando foram vencidos em um combate que pode ser associado a um massacre. Na luta alguns cangaceiros conseguiram fugir, porém outros foram decapitados, suas cabeças, entre elas a de Maria Bonita e a de Lampião foram levadas para a cidade e expostas em praça pública como prova da vitória contra o bandido mais temido.

Baseando-se principalmente nos relatos dos sertanejos, os cordelistas narram diferentes momentos da vida de Lampião. O ataque de Angicos é narrado por Gonçalo Ferreira da Silva através dos versos:

Depois de tanta armadilha
Pelas volantes armada,
De tanta vã tentativa
Por Virgulino frustrada
Angicos seria o fim
Da criminosa jornada

A vinte e oito de julho
 Era ainda madrugada
 Somente Maria Bonita
 Se encontrava acordada
 Recebendo á queima roupa
 A fulminante rajada
 Num movimento instintivo
 Tantas vezes repetido
 Lampião sacou as armas
 Mas mortalmente atingido
 Dobrou-se ficando sobre
 As próprias armas caído

Depois da luta em que foram
 Dizimadas tantas vidas
 Lhes deceparam as cabeças
 E depois de recolhidas
 Em latas de querosene
 Foram todas conduzidas

Nascido em noventa e oito
 Quarenta anos viveu,
 A vinte e oito de julho
 Quando o dia amanheceu
 De trinta e oito, em Angicos
 Virgulino faleceu.

Em 1938 ao morrer, Lampião acabava de entrar para a história do sertão e do cangaço. Muito se tem escrito sobre ele, seus feitos puderam consagrá-lo como personagem principal deste fenômeno. Porém de acordo com o autor Clemente (2007) em seu artigo *Cangaço e Cangaceiros: História e imagens fotográficas do tempo de Lampião* cabe enfatizar que:

(...) não obstante, deve-se atentar para o fato de que o cangaço não se resume a Lampião, embora comumente se confunda com ele. Há justificativas para isso: Lampião desfrutava de liderança reconhecida no bando, era valente e habilidoso em combate e tinha o exemplo acima da palavra. (CLEMENTE, 2007, p. 2).

Sabemos que Lampião não agiu sozinho em assaltos e crimes como faziam os cangaceiros, porém na história do cangaço ele se destacou tanto por sua própria história de vida que influenciou a sua entrada no mundo do crime como também por sua atuação como chefe de bando. O autor Clemente (2007) também atribui o destaque de Lampião na história do cangaço, por sua relação com jornalistas e fotógrafos da época, uma vez que se deixava fotografar ao lado de Maria Bonita juntamente com seu bando, o que não era uma prática comum em outros grupos. Dessa forma Lampião pôde construir e espargir sua própria

imagem de cangaceiro.

Élise Grunspan (2006) também trabalha com essa perspectiva em relação à imagem pública que o próprio Lampião construiu de si mesmo. Segundo a autora:

Lampião foi o primeiro cangaceiro – e essa é a sua grande originalidade – a cuidar de sua personagem; utilizou métodos de comunicação – principalmente a imprensa e a fotografia, que não faziam parte de sua cultura – para impor a imagem que queria dar de si mesmo. Concedeu entrevistas, deixou-se fotografar por várias vezes, instando para que as imagens fossem difundidas na imprensa do Brasil inteiro ou distribuídas à população do sertão. Chegou mesmo a participar, em 1936, da filmagem de um documentário consagrado à sua vida e à de seu grupo na caatinga. (GRUNSPAN, 2006, p. 28).

Pode-se observar que diferente de outros cangaceiros, Lampião quando tinha oportunidade posava para câmeras fotográficas e concedia entrevistas a jornalistas. A exemplo disso tem-se hoje as diversas fotos e artigos de jornais existentes sobre ele, geralmente disponíveis em museus e associações relacionadas ao cangaço.

Lampião não atuou de forma única como cangaceiro no sertão nordestino, pois havia outros homens que assim como ele participavam dessa atividade violenta. Porém pode-se dizer que ele foi o único que construiu sua própria imagem de cangaceiro e homem valente, sendo até hoje objeto de estudos e análises. Inúmeros são os depoimentos de sertanejos sobre a trajetória de Lampião, e na literatura de cordel sua imortalidade se faz presente. Grande quantidade de folhetos faz referência ao maior bandido do cangaço. A imagem de Lampião está inserida na cultura popular nordestina através de cordéis, danças e canções.

Nas palavras de Gustavo Barrozo:

O cangaceiro Lampeão, antes de ser falado pelas folhas e commentado pela oratória fofa dos senadores e deputados, foi celebrado em versos rudes e francos pelos cantadores sertanejos. Os *pliegos de cordel* encarregaram-se de trazer às cidades do litoral essa prooducção da musa popular. (BARROZO, 1930, p.98).

Como já foi citado, Lampião e o cangaço compõem um dos maiores ciclos temáticos da literatura de cordel. Usando dos depoimentos dos sertanejos, do imagético e do mito Lampião, os cordelistas narram versos que fazem referência a diferentes ações do cangaceiro e também de sua trajetória de vida. Mas como esses versos são apresentados ao público? De que forma os cordelistas apresentam os diversos “Lampiãoes” que conhecemos atualmente? Qual o ponto de vista do poeta? Essas e outras questões devem ser consideradas para uma

melhor compreensão e análise dos versos sobre Lampião, de como ele vem sendo apresentado ao longo do tempo na literatura de cordel. Mark Curran nos diz que:

Como Antônio Silvino, Lampião entrou para o cangaço para vingar a morte do pai. Juntou-se ao grupo de Sebastião Pereira, assumindo a chefia em 1922. Foi então que se tornou conhecido do público do Nordeste através do jornal e do cordel. As primeiras crônicas cordelianas sobre ele foram feitas principalmente por Francisco das Chagas Batista, depois da prisão de Antônio Silvino; o poeta escreveria sobre Lampião até o momento da própria morte, em 1930. A saga foi continuada por João Martins de Atayde e outros poetas de sua empresa em Recife, até a morte violenta e sangrenta do cangaceiro, em 1938. (CURRAN, 2003, p.71).

Deve-se atentar para o fato de que mesmo que os promotores dessa cultura popular muitas vezes narrem versos usando do imagético, cabe ressaltar que esse imagético está relacionado à imagem que os sertanejos atribuem a Lampião. Pode-se perceber isso nos diversos cordéis que contam a história de Lampião chegando ao céu ou Lampião chegando ao inferno. Nas palavras de Rosilene Alves de Melo: “(...) Os versos curtos, a criatividade dos enredos, a presença do imaginário fantástico, do sobrenatural, são fontes de inspiração de uma imagética que se projetou a partir do cordel”. (MELO, 2010, p. 101).

Considerando esses fatores os cordelistas apresentam, por exemplo, a imagem de Lampião como um bandido tão perverso que até mesmo em sua suposta chegada no inferno cometeria atrocidades. Como relata o poeta pernambucano já falecido José Pacheco em seu famoso folheto escrito no ano 1993: *A Chegada de Lampião no Inferno*, cujo alguns versos assim se assinalam:

Um cabra de Lampião
 Por nome Pilão Deitado
 Que morreu numa trincheira
 Um certo tempo passado
 Agora pelo sertão anda correndo visão
 Fazendo mal assombrado

E foi quem trouxe a notícia
 Que viu Lampião chegar
 O inferno nesse dia faltou pouco pra virar
 Incendiou-se o mercado
 Morreu tanto cão queimado
 Que faz pena até contar

(...) Vamos tratar na chegada
 Quando Lampião bateu
 Um moleque ainda moço
 No portão apareceu;

- Quem é você cavalheiro?
 - Moleque, eu sou cangaceiro!
 Lampião respondeu

- Moleque não, sou vigia
 E não sou seu parceiro
 E você aqui não entre
 Sem dizer quem é primeiro;
 - Moleque, abra o portão
 Saiba que sou Lampião
 Assombro do mundo inteiro.

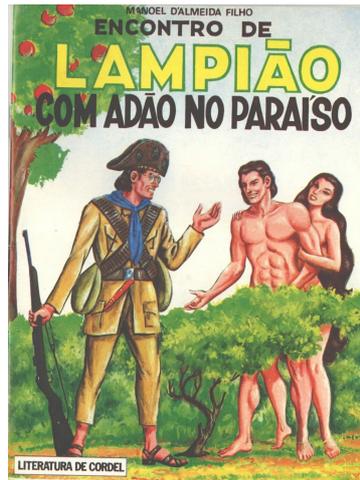
O poeta João Peron faz uma discussão diferente e apresenta a suposta chegada de Lampião não no inferno, mas no céu. O cangaceiro não seria capaz de enfrentar somente Lúcifer, mas também as divindades. O poema é intitulado *O encontro de Lampião, Luiz Gonzaga e Patativa no Portão do Céu*:

Lampião disse São João
 Fique bem aí sujeito
 Por que vou entrar no céu
 E vai ser de qualquer jeito
 Com certeza tu não sabe
 Nem de que Adão foi feito

Quando vinha chegando
 Bem lá na porta do céu
 Vinha com tanta da raiva
 Parecia uma cascavel
 Avistou Luiz Gonzaga
 Com um monte de troféu

Lampião tomou chegada
 Foi logo aproximando
 O rei do baião vai entrar
 Eu também vou entrando
 Não precisa nem de pressa
 Vou mesmo é caminhando

Manoel D'Almeida Filho cita nos primeiros versos de seu folheto *O encontro de Lampião com Adão no paraíso* os dois fatos apresentado por José Pacheco e João Peron.



Capa colorida ilustrada.

Quando foi para o inferno
 O diabo não se agüentou,
 Sem ninguém poder dar jeito
 Lá todo bicho apanhou;
 Só foi embora depois
 Que o conjunto incendiou.

Foi debater com São Pedro,
 Porém correu grande risco
 Porque do céu foi expulso
 Por efeitos de um corisco
 Que caiu do quinto andar
 “Jogado por São Francisco”

Sem saber o que fizesse
 E sem ter para onde ir
 Seguiu pelo espaço afora
 Pensando: - Onde vou cair?
 Preciso água, comida e
 Cama para dormir.

Ainda nos versos de José Pacheco podemos observar que o mesmo descreve Lampião como um homem impiedoso:

Lampião é um bandido
 Ladrão de honestidade
 Só vem desmoralizar
 A nossa propriedade
 E eu não vou procurar
 Sarna pra me coçar
 Sem houver necessidade.

Gonçalo Ferreira da Silva apresenta um contraste em relação aos versos de José

Pacheco. Gonçalo não atribui ao “Rei do Cangaço” somente o mérito de bandido sanguinário, embora não deixe de destacar a braveza do cangaceiro.

Lampião era a um tempo
 Venenosa caninana
 E cordeirinho domado
 Capaz da ação humana
 Mas dentro de tais ações
 A fúria da fera insana.

Lampião é visto nesta dualidade não só nos folhetos de cordel, mas também nos relatos orais. O cangaceiro seria muitas vezes visto como um grande herói, como descreve Curran: “O cangaceiro teria os traços de um Robin Hood moderno, que às vezes rouba dos ricos (porque os pobres não têm) e dá uma parte da “safra” aos pobres”. (CURRAN, 2003, p. 62).

Como já foi dito, outros bandos de cangaceiros também existiram no sertão, no entanto o bando de Lampião foi o que mais ganhou destaque, sendo até hoje analisado por diversos autores.

Manoel D’Almeida Filho em seu folheto *Os Cabras de Lampião* ressalta o destaque do bando de Lampião na história do cangaço:

Há muitos anos passados
 O cangaço era normal
 Pelos sertões do Nordeste,
 Parecendo até legal,
 Para quem via no crime
 A lei do seu tribunal.

Assim quando havia brigas,
 Ainda sendo entre irmãos,
 Morriam dez, quinze, vinte,
 De velhos até pagãos,
 Porque cada um queria
 Vingança com as próprias mãos.

E os que matavam mais
 Ficavam logo afamados,
 Pelos chefes poderosos,
 Eram até condecorados,
 Usavam nomes de “guerra”
 Temidos e respeitados.

Com as primeiras façanhas
 Surgiram Lucas de Feira,
 O Jesuíno Brilhante

E o malvado Cabeleira,
O bravo Antônio Silvino
Com a sua cabroeira.

Porém o grupo maior
Que apareceu no sertão,
Com as maiores façanhas,
Dominando a região,
Foi sem dúvida o comandado
Pelo estóico Lampião.

Durante sua vida no cangaço Lampião construiria através de seus atos sua personagem marcada pelas características de homem mal, lutador e valente. Ao fazer uso de suas armas, Virgulino já cangaceiro fazia jus a seu apelido Lampião. Vivendo na clandestinidade Lampião tornou-se um bandido temido por toda a população sertaneja, por onde passasse deixava suas marcas de cangaceiro. Alguns autores acreditam que a imagem que Lampião queria transmitir a sociedade daquela época era a de um grande bandido, que desafiava autoridades, que demonstrava gostar daquilo que fazia.

No ano de 1979 o poeta Rodolfo Coelho Cavalcante escreveu o folheto intitulado *Lampião – O Terror do Nordeste*, onde atribui ao cangaceiro características de um homem perverso e mal:

Volantes e mais Volantes
De Pernambuco á Bahia,
De Sergipe a de Alagoas
Atacavam todo dia,
Virgulino com seu bando
Iam roubando e matando
Na pior selvageria.

Só o ódio e a vingança
Conduzia Lampião
Para vingar os seus mortos
Dentro do seu coração,
Numa tempera de aço
Fez da vida do cangaço
Seu esporte no sertão.

No lugar que ele passava
Rio de sangue corria,
Castrava, matava gente,
Toda maldade fazia,
Quando alguém o sonegava
Qualquer dinheiro, matava
E tomava o que queria.

Traíçoeiro como o tigre,

Como um leão – carniceiro,
 Maldoso como a serpente,
 Foi o pior cangaceiro,
 Pernambucano que era
 Se tornou a Besta Fera
 Do Nordeste Brasileiro.

Lampião era um sujeito
 Que só olhava de frente,
 Com a mão no seu punhal
 Pratiado, relusente,
 Tanto ele como a gangue
 Foram vampiros de sangue
 Do nordestino inocente.

Porém, posteriormente este mesmo poeta apresentou em 1982 (três anos depois) através dos versos *Lampião não era tão cão como se pinta* a imagem de um cangaceiro de coração bom. Lampião seria um homem bondoso, capaz de praticar a ação humana, sendo seus atos violentos justificados.

Como muitos trovadores da Bahia ao Maranhão
 Que escreveram combatendo o famoso Lampião,
 Eu estou também na lista porém como cordelista
 Já mudei de opinião.

Há poucos anos atrás, fui a Sergipe, Alagoas e ao
 Sertão de Pernambuco entrevistando pessoas para
 Ter exatidão se, em verdade, Lampião,
 Na vida fez coisas boas.

(...) Lampião caboclo rústico filho de pai virtuoso
 E a sua velha mãe tinha o coração bondoso
 Pelos seus pais educados era Lampião cotado
 Como um bom religioso.

Levado pela questão da família Saturnino
 Com as rixas dos chocalhos foi a causa do destino
 Dele ser um sanguinário porém jamais um sicário
 O terror do Nordeste.

Lampião - diz muita gente - não ofendia a ninguém
 Sem haver uma causa justa porque só fazia o bem,
 Se transformava em pantera ou a própria Besta-Fera
 Quando existia um porém.

(...) Era amigo e benfeitor quem a ele não bulisse,
 Só o bem ele fazia do Maranhão á Bahia
 Assim que o povo me disse.

(...) Lampião nunca ofendeu á uma pobre donzela
 Se precisasse a matava mas não possuía ela, e

Se um cabra afoitasse qualquer moça desonrasse
Pagaria a honra dela.

Em seguida, o poeta destaca a devoção que Lampião tinha ao Padre Cícero de Juazeiro do Norte:

Romeiro do Padre Cícero tinha pleno passaporte
E quem o desobedecesse pagaria com a morte,
Amava de coração o Padre Cícero Romão
Do Juazeiro do Norte.

Homem velho que encontrasse Lampião o atendia
Dentro do maior respeito sem usar de covardia,
Tudo isso se ocultou o que de bem praticou
Lampião quando vivia.

Foi Lampião que lutou por mais fortes ideais
Contra todas injustiças só para os bens sociais,
O Nordeste agradecido não mais chama ele bandido
Conhecendo o seu cartaz.

Lampião se fosse vivo com um bom advogado
Seria chamado Heróe por todo bem praticado,
Se ele crime cometeu tudo, tudo aconteceu
Porque se viu obrigado.

A partir dos versos pode-se perceber que o poeta atribui a Lampião a imagem de um homem bom, obrigado a praticar o mal devido a circunstâncias em que vivia. Um cangaceiro perverso, mas que não agredia aqueles que mereciam seu respeito e não lhe afrontava.

O cordelista apresenta um contraste em seus versos em relação à imagem de Lampião. Em 1979 Rodolfo Coelho Cavalcante descreve Lampião como um cangaceiro mal, impiedoso, porém em 1982 diz que mudou de opinião e atribui outras características ao cangaceiro, não se referindo somente a um bandido impiedoso. A justificativa do poeta para tal opinião se daria a partir do conhecimento de relatos de sertanejos que fazem referência a uma imagem boa de Lampião, discordando das visões somente negativas que se tem atribuído a ele. Lampião aparece como um cangaceiro fruto de uma sociedade injusta, concepção esta defendida também pelo autor Rui Facó (1980).

Assim como Rodolfo Coelho Cavalcante, Manoel D'Almeida Filho também vê Lampião como fruto de sociedade injusta, ainda em seus versos *Encontro de Lampião e Adão no Paraíso*, o poeta deixa nítida essa questão já no verso inicial:

Falando de Lampião
 Não temos nenhum receio,
 Pois quem viveu no Nordeste
 Sabe de onde ele veio;
 Do tempo dos coronéis
 Foi o produto do meio.

A literatura de cordel pôde contribuir significativamente para a construção de um fascínio da história do cangaço e de Lampião. As histórias narradas a partir dos versos alimentam a curiosidade e o gosto pelo tema, além de chamar a atenção do público leitor.

Muitos poetas narram acontecimentos da vida de Lampião ressaltando o humor. Cenas engraçadas são narradas em versos. Á exemplo disso podemos observar os versos de João Peron: *Lampião tira um espinho do pé de um cabra com um punhal*:

Tinha um certo cabra metido a preguiçoso
 Não queria trabalhar, ainda mais medroso
 Queria ter vida boa e dava uma de gostoso

Foi que um certo dia inventou de trabalhar
 Tinha feito uma empeleita para um mato roçar
 Uma preguiça grande veja só onde foi dar

Começando a trabalhar pisou mesmo num toco
 Levou-lhe uma estrepada pense num grande oco
 Meteu o pé correndo gritando como louco
 Ao chegar em casa foi que ficou gritando
 A mulher pegou no pé com jeito segurando
 Pegou uma agulha e o pau ficou tirando

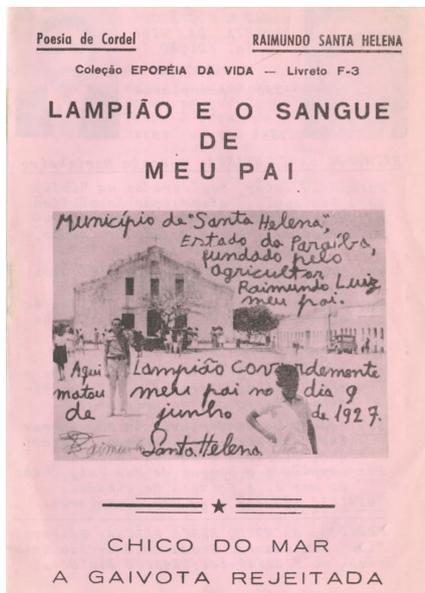
Lampião vinha passando e viu aquele rebuliço
 Dona deixe eu lhe mostrar como que se tira isso
 É apenas um espinho pequeno de carrapicho
 Lampião pegou no pé arrastou o punhal
 Enfiou no pé do cabra tirou a ponta de pau
 O remédio que botou foi meio quilo de sal

Quando terminou a cirurgia
 O cabra numa caganeira
 Lampião minha mulher é uma cangaceira
 E você Lampiãozinho nossa que mão maneira.

Nos versos citados acima a imagem do cangaceiro é retratada de forma irônica, uma das características presentes em muitos folhetos sobre Lampião. Entretanto, na literatura de cordel a história de Lampião nem sempre está associada ao riso. Muitos poetas fazem menção somente a um homem mal, como se Lampião fosse a própria encarnação do diabo na terra. Lampião tornou-se uma grande personagem nos versos de cordéis, inúmeras histórias sobre

ele são narradas por diversos poetas, sejam elas engraçadas ou não.

O poeta paraibano Raimundo Luiz do Nascimento, mais conhecido como Raimundo Santa Helena possui uma história de vida singular. Seu pai teria sido assassinado por Lampião em junho de 1927. Após esse ocorrido Raimundo fugiu de casa para tentar vingar a morte do pai, acabou sendo acolhido por uma professora. Raimundo estudou e entrou para a Escola de Aprendizes de Marinheiros do Ceará. Seus primeiros versos foram declamados a bordo no ano de 1945, com base nas informações da Fundação Casa de Rui Barbosa. Em 1980 narrou a trágica morte de seu pai. Através dos versos *Lampião e o Sangue de Meu Pai*, descreve como seu pai foi covardemente assassinado por Lampião. Na capa do folheto o autor destaca de punho próprio o fato:



Capa ilustrada com algumas informações sobre o folheto

Em São João do Rio do Peixe, hoje “Antenor Navarro”,
 No sertão da Paraíba, vinte e sete era o ano,
 Um padre que era prefeito, não temia sobre o cano –
 Recusou a Lampião, jabá, farinha e feijão...

(...) Lampião, que se escondia na serra do Catolé,
 Manda dizer ao prefeito: “Amanhã, padre sovina,
 Vou mijar na sua batina, e queimar toda a cidade –
 Vocês não deram comida, mas vamos tomar no peito...”

O padre Sá, cauteloso, tinha Deus no coração,
 Mas bota arma na mão, manda chamar o delegado,
 Mestre Raimundo Luiz, como era conhecido,
 Pois chefiava os cassacos, por todos era querido...

O recado vai de trole, dois homens com duas varas,
 E em Canto do Feijão, meu pai está na novena,

Num casebre (onde depois, vendendo feijão com arroz,
Construiu uma capela, hoje “Igreja SANTA HELENA”)...

Papai rezando baixinho, de joelhos, de mãos postas,
Ouve a notícia de costas, e pula que nem um gato,
E saindo em disparada, pega armas, munição,
Cheirando a mulher amada, e se vai para São João...
Quando chega na cidade, o padre está lhe esperando,
Com vários homens valentes – papai vai logo gritando:
“Organizem quatro frentes, com armas, pedras, madeiras,
E façamos as trincheiras com sacas de algodão...”

(...) Durou pouco o tiroteio – Lampião, experiente,
Percebeu a armadilha e recuou de repente,
Porém deixando um recado: “ Sei que foi o delegado
Lá de Canto do Feijão – Vou matá-lo no seu chão...”

“Vou pegar aquele nego, botar o macaco nu,
Banhar na lama de um rego, pregar num mandacaru,
Arrancar unha por unha, perfurar olho por olho,
E vou cortar de uma vez, toda a sua vergonhez...”
(...) Mas vejam o que aconteceu: Ano mil e novecentos
E vinte e sete janeiros – no dia nove de junho,
Um rifle novo em punho, delegado toca o sino,
Esperando Virgolino... sessenta e seis cangaceiros!

Nestes versos o poeta descreve a chegada dos cangaceiros na cidade e
consequentemente a morte de seu pai:

Os cabras de Lampião chegaram
Em Santa Helena, o ex- Canto do Feijão,
Papai (com mamãe gestante)
Foi cercado num instante –
Mocinha caiu na tara...
Jogaram minha mãe no chão,
E cuspiram em sua cara...

Pai, sozinho, foi dizendo:
“Deus do céu, que estais me vendo,
Jamais atirei primeiro!
Lutarei até vencer Lampião
Que mata e esfola!
Eu só salvo e dou esmola....
Deus, olhai vosso guerreiro!”
Deus deixou papai morrer...

Raimundo Santa Helena narra a morte de seu pai que foi assassinado por Lampião em
1927. Nos versos pode-se perceber como o poeta destaca a ação covarde do cangaceiro.
Entretanto, seu pai que era delegado não foi a única vítima da família a sofrer as ações
violentas de Lampião. Em 2001 o poeta escreve *Lampião e minha Mãe Violentada*, onde

narra as agressões que sua mãe sofreu pelo cangaceiro Lampião. O cangaceiro aparece nesses versos como um bandido sanguinário e perverso, uma característica também marcante nos versos temáticos sobre Lampião.

Sanguissedento bandido
 No dia 9 do mês de junho de vinte e setembro
 Desrespeitou gravidez de minha mãe querida
 Matou meu pai em seguida
 Na mamãe fez sordidez

(...) Voando estava quando sua alma foi pro céu
 E seu corpo enrugado mergulhou no mausoléu
 Pro permanente repouso ao saber que o esposo
 Falecido “virou réu”

Estátua como troféu numa grande palhaçada
 Vai receber Lampião no chão de Serra Talhada
 E o meu pai delegado por Lampião baleado
 Depois de morto sangrado trocou a vida por nada

(...) E no Rio o punhal com que Lampião sangrou
 O meu pai já com dois tiros ou o que “Lamp” roubou.
 É vitrine nos museus. Hitler que matou judeus
 Daqui a pouco meu Deus Vai ser santo em Moscou.

Minha mãe jamais ganhou nenhum mísero tostão
 Papai morreu a serviço enfrentando Lampião
 Mamãe usou documentos a imprensa argumentos
 Mas os governos nojentos nunca lhe deram pensão

O poeta deixa explícito que não concorda com a homenagem que seria feita a Lampião através de uma estátua na cidade de Serra Talhada – ao que ele chama de “grande palhaçada” –, pois segundo ele o cangaceiro que matou seu pai não merecia tal homenagem.

Raimundo Santa Helena narra as ações violentas que seus pais sofreram por Lampião. É notável que o poeta descreve a imagem do Rei do Cangaço como um bandido perverso, não havendo motivos para homenageá-lo. Ele faz uma comparação do cangaceiro com Hitler, que perseguiu e matou judeus e que só faltaria agora ser visto como um santo. Contudo, cabe destacar que não há nenhum registro histórico que comprove a entrada de Lampião na cidade de Santa Helena. O que existe são relatos orais que foram adquiridos a partir de histórias contadas por descendentes que ouviram sobre a passagem de Lampião e seu grupo na cidade paraibana.

Em relação a provável homenagem a Lampião em Serra Talhada, o poeta Homero do Rego Barros segue a mesma perspectiva de Raimundo Santa Helena. Através dos versos que

tem como título *Cartaz Inglório* que data do ano de 1991, o poeta expõe sua indignação diante de tal fato:

A estátua de Lampião
Há de resultar em nada,
Pois os velhos habitantes
Da honrosa Serra Talhada
Não irão se acostumar
Com tamanha marmelada.

Como estão desinformadas
Certas pessoas dali,
Defendendo o cangaceiro
Mais perverso que eu já vi.
Para louvar assassinos
Jamais meu tempo perdi.

Bastante estória eu já li
Sobre o vilão falecido,
Que apavorava os sertões,
Naquele tempo vencido.
A juventude de agora nada
Sabe sobre o bandido.

Em seguida, o poeta apresenta Lampião como um bandido cruel:

Lampião era sabido,
Muito ruim e inteligente,
Para onde ele seguia o crime estava presente:
Aqui, ali e acolá matava um montão de gente.

(...) Só nesse último inverno
Lampião logrou assento
Parte da Serra Talhada
Acolhe o filho violento,
Com apoio do seu prefeito,
Plebiscito e monumento.

Os poetas Raimundo Santa Helena e Homero do Rego Barros conciliam suas opiniões sobre o cangaceiro Lampião. Segundo eles, Lampião seria um bandido sanguinário e não seria correto o povo de Serra Talhada (Pernambuco) receber na cidade um monumento representando um bandido tão mal que praticou tantos crimes a pessoas inocentes.

Com base nos versos de cordéis aqui analisados, podemos observar como Lampião é apresentado pelos poetas através de décadas. Ainda quando se encontrava vivo entre o decorrer dos anos de 1920 e 1930 praticando suas ações de cangaceiro, Lampião já era

retratado em diversos versos, e até os dias atuais são inúmeros os folhetos que contam sua vida e seus feitos. Porém sua imagem não é narrada de forma única como um bandido ou como um herói. Desde sempre, ele vem sendo apresentado em sua dualidade. Sua imagem geralmente está ligada à visão que o poeta possui sobre Lampião e também aos relatos de sertanejos que compõe uma das bases desse tema na literatura de cordel. Sendo assim, cabe nesta perspectiva fazer uso das palavras de Grunspan:

Depois que se tornou uma imagem pública, foi o herói de numerosos poemas de cordel, de toda uma gesta que evocava sua entrada para o cangaço, os momentos importantes de sua vida, seus atos de bravura, seu destino excepcional e trágico, espécie de voz popular que o acompanha e o inscreve em uma tradição épica própria do sertão. Ele não é o primeiro cangaceiro a ser objeto de tal heroicização na literatura de cordel e nas canções de gesta. Antônio Silvino, seu ilustre predecessor, também foi cantado em inúmeros poemas. Entretanto, Lampião é uma personagem muito mais complexa, e a literatura de cordel testemunha sua singularidade e ambivalência, traduzindo em inúmeros poemas sua profunda dualidade: anjo e diabo, bom e cruel, vítima do destino e assassino sádico, amante apaixonado e criminoso implacável... (GRUNSPAN, 2006, p. 28).

Lampião compõe então um dos temas mais conhecidos da Literatura de cordel. Sua imagem, como se pode perceber a partir das palavras de Grunspan e também dos folhetos, é alvo de diferentes interpretações. Lampião não agiu sozinho no mundo do crime durante as décadas de 20 e 30, porém suas ações e suas aparições através da imprensa da época puderam consagrá-lo a um lugar único na história do cangaço.

Grunspan (2006) cita ainda que a construção e a desconstrução da imagem do cangaceiro Lampião trata-se de uma dinâmica que abre caminho para a elaboração do mito. Ele é o herói de uma história que se reelabora e se constroem por diversas regiões do Brasil. Assim, os relatos dos sertanejos oferecem aos cordelistas a inspiração na criação dos versos. Esses se tornam então histórias baseadas no que os próprios sertanejos contam e pensam sobre o maior bandido do Nordeste.

Os poetas escrevem diversos versos fazendo alusão a Lampião, transformando-o cada vez mais em uma personagem mística. Inúmeras e diferentes histórias são narradas através do mito, do imaginário e dos relatos que os sertanejos contam a respeito do temido Lampião. Dessa maneira, o maior cangaceiro do Nordeste ocupa lugar privilegiado na literatura de cordel, embora seja apresentado em meio a um constante contraste entre os poetas, sua imagem não deixa de ser narrada em inúmeros folhetos sejam eles contemporâneos ou não.

3 O POETA JOÃO MARTINS DE ATHAYDE

*Como humilde trovador
Do estado da Bahia,
Vou falar de um personagem
Que muita gente aprecia,
João Martins de Athayde –
Um gênio da Poesia.*

(Minelvino Francisco Silva)

Neste capítulo apresentarei uma pequena biografia do poeta João Martins de Athayde e como o mesmo representou o cangaceiro Lampião em seus versos de cordel.

João Martins de Athayde merece ser reconhecido como um dos maiores poeta da literatura de cordel, embora seja comum a crítica por parte de alguns autores e poetas em relação às obras de João Martins de Athayde, que muitas vezes confundem-se com as de Leandro Gomes de Barros. Isso devido ao fato de Athayde ter comprado no decorrer dos anos vinte os direitos autorais deste poeta, como veremos ao longo da leitura deste capítulo.

No dia 23 de junho de 1880 veio ao mundo o filho de Belchior Martins de Lima e Antônia Lima de Athayde. Foi no município de Ingá do Bacamarte na Paraíba, mais precisamente no pequeno povoado de Cachoeira de Cebola, hoje conhecido como Itaituba, que nasceu João Martins de Athayde.

João Martins de Athayde passou a infância e parte de sua adolescência no pequeno povoado de Cachoeira de Cebola. Seu pai Belchior, vivia da agricultura e dela tirava o necessário para sustentar sua esposa e seus três filhos.

O autor Mário Souto Maior em seu livro *João Martins de Athayde* (2000) explica que após a morte de sua esposa, Belchior Martins de Lima pai de Athayde, casou-se novamente. Porém, essa segunda esposa não cuidava bem dos filhos de Belchior, maltratava-os e os deixava sem alimentação. O autor diz que num certo dia quando João Martins de Athayde ainda criança, voltava da roça veio a desmaiar de fome no meio do caminho, onde amigos de seu pai o levaram para casa.

Mário Souto Maior afirma que:

Mesmo sem freqüentar a escola, o poeta andava com uma carta de ABC no chapéu, pois seu maior sonho era aprender a ler e a escrever. E tanto era assim, que ele saía perguntando as letras às pessoas e, como não tinha caderno nem lápis, escrevia no chão, com o dedo. (MAIOR, 2000, p.12)

Como podemos observar João Martins de Athayde não teve acesso à educação escolar, como direito de toda criança. No entanto, a partir das palavras de Mário Souto Maior (2000) nota-se o nítido interesse do nosso grande poeta em aprender a ler e escrever. Athayde ainda menino, procurou então traçar seu próprio caminho no mundo das letras, mesmo sem a oportunidade de freqüentar uma escola, fez do seu desejo e interesse a concretização de seu sonho.

Ruth Terra (1983) também destaca em sua obra o desejo do pequeno Athayde em aprender a ler e a escrever. A autora utiliza o depoimento que o poeta concedeu a Paulo Pedrosa no *Diário de Pernambuco* no ano de 1944 para afirmar suas colocações. No depoimento, o poeta expõe seu anseio de conhecimento:

Sentindo desejo de escrever as minhas glosas, comprei uma carta de ABC de Landelino Rocha e andava com ela dentro do chapéu para toda parte. Eu ia tratar do gado e me sentava, às vezes, debaixo dos pés de pau só para estudar as lições. Quando cheguei na parte que diz “É meu pai...” não precisei mais da ajuda de ninguém e por mim mesmo continuei a aprender. Acontece, porém, que eu aprendi a escrever com a mão esquerda e por isso minhas palavras apareciam escritas pelo avesso (...) Depois endireitei e fui pelo caminho dos outros. (Apud TERRA, 1983, p. 45-46).

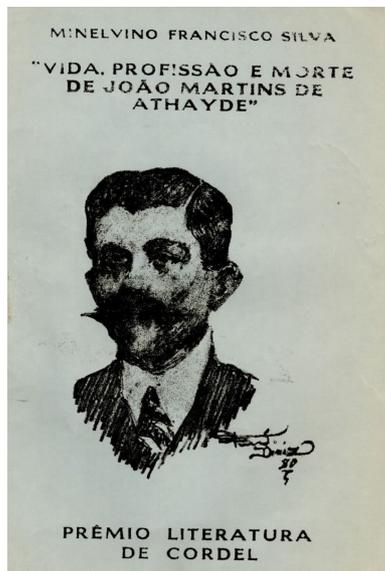
João Martins de Athayde aprendeu a ler e a escrever sozinho, aos 12 anos de idade já fazia seus primeiros motes. Em 1898 foi embora para o estado de Pernambuco, lá fixou residência e fugiu da seca que castigava o sertão paraibano. Após ter passado uma temporada em outras cidades do estado, Athayde decidiu morar na capital Recife. No ano de 1908 João Martins de Athayde já publicava e editava os primeiros folhetos. Com o dinheiro que recebia em alguns empregos conseguiu alugar uma casa e também como explica Mário Souto (2000), Athayde teria comprado uma pequena impressora manual, uma guilhotina que servia para cortar o papel dos folhetos e contratar empregados. No ano de 1909 conseguiu montar sua tipografia. Trabalhava o bastante para atender a sua clientela, uma vez que a procura por seus folhetos era grande em diversas regiões nordestinas. Com o passar dos anos e com o aumento significativo das vendas, João Martins de Athayde pôde comprar a casa em que vivia e também uma máquina melhor. Nas palavras de Mário Souto (2000) “(...) estava, assim, feito o poeta popular João Martins de Athayde”. (p.12)

Em 1923, já muito bem estabelecido em Recife, João Martins de Athayde conheceu Sofia Cavalcante. Sofia e sua mãe teriam vindo da Paraíba morar com uma irmã que já vivia em Recife. Uma amiga de João Martins de Athayde pediu para levar Sofia para trabalhar na casa de um conhecido dela, a mãe de Sofia aceitou. E foi assim que se deu o encontro entre Sofia e Athayde. O poeta lhe ofereceu um emprego na sua gráfica e logo ficou interessado nela, até que um dia pediu a mesma em casamento.

Mário Souto (2000) diz que João Martins de Athayde era um homem muito ciumento e por isso deixou a sua esposa Sofia praticamente presa em um segundo andar da sua gráfica. Sofia não podia conversar com ninguém e nem mesmo sair de casa, devido ao excesso de ciúme do poeta.

Além do ciúme, outra característica marcante do poeta João Martins de Athayde era o entusiasmo que ele tinha por filmes. Quase todos os dias o poeta ia ao cinema, tamanha era a sua paixão pelo mundo cinematográfico.

Até o ano de 1949, Athayde viveu da poesia até e também da edição de folhetos. Neste mesmo ano vendeu seus direitos autorais ao poeta José Bernardo da Silva, dono da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte. Minelvino Francisco da Silva narra esse momento nos versos do folheto apresentado abaixo:



Capa Ilustrada com a imagem de Athayde.

Seja por sim ou por não
 Ninguém sabe o que se deu,
 O certo é que Athayde
 Com a arte esmoreceu.
 Seus direitos autorais
 A Zé Bernardo vendeu.

Por vinte Contos de Réis
 Vendeu naquele momento
 Seus direitos autorais
 Com todo contentamento,
 Recebeu o apurado
 E assinou o documento.

Infelizmente em agosto do ano de 1959 no estado de Pernambuco João Martins de Athayde faleceu. A causa da morte teria sido um derrame cerebral. O poeta deixou os filhos: João Oliveira de Athayde, Fernando Oliveira de Athayde, Manoel Cristiano de Athayde, João Martins de Athayde Filho, Carlos Oliveira de Athayde, Marcus Vinícius de Athayde, Josefa Augusta de Athayde Dornelas, Ceci de Athayde Montenegro e Maria José de Athayde, e deixou viúva Sofia Cavalcante de Athayde.

Mesmo após sua morte, João Martins de Athayde não deixou de ser lembrado e discutido pelos estudiosos da Literatura de Cordel, uma vez que o poeta se tornou um grande símbolo dessa literatura.

Referindo-se ao trabalho de João Martins de Athayde o autor Sebastião Vila Nova cita que:

Da oficina de João Martins de Athayde saíram durante quarenta anos, as estórias fantásticas, as recriações das estórias conhecidas, a ironia da crítica aos costumes que encantavam, informavam e, mesmo, educavam o homem das vilas mais distantes do Nordeste. Folheto que viesse com o nome de João Martins de Athayde era sucesso garantido. Não importava se ele fosse ou não o autor, o que importava era a garantia de qualidade que o seu nome assegurava aos leitores de folheto. (VILA NOVA, 1985, p.44).

De acordo com Sebastião Vila Nova (1985), João Martins de Athayde foi um artista que se popularizou e contribuiu para o desenvolvimento da arte e da comercialização de folhetos. Ao lado de Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde teria desbravado o caminho para outros poetas como José Pacheco, Delarme Monteiro, entre outros, além de contribuir também para o surgimento de impressoras e editoras de folhetos.

Não são poucos os elogios que o autor faz ao poeta João Martins de Athayde. Segundo Vila Nova (1985), o “ramo da poesia” como cita, se tornou gradativamente próspero com João Martins de Athayde, e essa prosperidade da literatura de cordel pôde gerar oportunidades de emprego a muitas pessoas por toda a região nordestina.

Considerando Leandro Gomes de Barros como outro grande poeta popular, torna-se necessário uma discussão acerca de sua relação com João Martins de Athayde. Na verdade essa relação envolve muitas controvérsias. Tudo teria começado após a morte de Leandro

Gomes de Barros em 1918. Três anos depois, em 1921, João Martins de Athayde comprou da viúva de Leandro Gomes de Barros os direitos autorais dos folhetos escritos pelo poeta. A partir desse momento surgiu uma discussão em torno da possível omissão do nome de Leandro Gomes de Barros nos folhetos editados por Athayde.

Rosilene Alves de Melo (2010) explica que as noções de obra/autor não eram conhecidas e postas em prática até as primeiras décadas do século XX. Entretanto teria sido Leandro Gomes de Barros o primeiro cordelista brasileiro a se preocupar com a questão dos direitos autorais, assim como a violação desses. Segundo a autora, o poeta adotava diversas táticas para garantir os lucros na transação de seus folhetos. Leandro Gomes de Barros “Utilizou o espaço da quarta capa para informar aos revendedores que era o único editor proprietário de seus folhetos, com a advertência que ficou amplamente conhecida: *o autor reserva o direito de propriedade*”. (MELO, 2010, p.65).

Entende-se então que até o século XX não havia uma preocupação por parte dos poetas em relação a autoria dos versos. Contudo, a partir desse período começa a existir entre os poetas o mútuo interesse em esclarecer estes conceitos, para assim evitar a violação e omissão dos direitos do verdadeiro autor.

Considerando o que a autora Rosilene Alves de Melo (2010) assinala, podemos compreender a relação confusa que envolve a história dos folhetos de João Martins de Athayde e Leandro Gomes. Após a compra dos direitos autorais de Leandro Gomes de Barros, João Martins passou a editar e publicar os folhetos do poeta. Porém, sabe-se que João Martins omitia o nome do autor em muitos folhetos, deixando apenas o seu próprio nome como editor proprietário. Por isso, nos deparamos com a acusação de que João Martins de Athayde apossou-se dos folhetos de Leandro Gomes de Barros, publicando como se fosse sua a autoria.

Em relação a este episódio, Rosilene Alves de Melo nos diz que:

De posse dos direitos sobre os títulos editados por Leandro, João Martins de Athayde se transformou num importante editor da literatura de folhetos no Brasil até 1949, data em que vendeu os direitos autorais para José Bernardo da Silva. Instituiu-se, assim, a figura do editor-proprietário quando João Martins de Athayde passou a omitir o nome de Leandro Gomes de Barros nas capas dos folhetos (...). No entanto, este acontecimento não ofuscou a importância de João Martins de Athayde como poeta, nem tampouco impediu que a sua obra se destacasse pela qualidade dos poemas e pela envergadura de sua vasta produção. (MELO, 2010, p. 66).

Podemos perceber como a autora explica a possível violação dos direitos autorais de

Leandro Gomes de Barros, mas também ressalta o trabalho de João Martins de Athayde tal como o destaque e a importância de suas obras. Assim como Rosilene Alves de Melo (2010), Ruth Terra (1983) também não ofuscou o bom trabalho feito por João Martins de Athayde. Segundo ela “João Martins de Athayde foi aclamado nos anos 40 como o maior poeta popular do Nordeste. Elogiado por Tristão de Athayde e Mário de Andrade, recebeu votos para Príncipe dos Poetas Brasileiros em 1958 (...)”. (TERRA, 1983, p.47)

Valdemar Valente (1976) também destaca o sucesso dos folhetos de Athayde e defende o trabalho do poeta, livrando-o de acusações equivocadas:

Com a morte de Leandro, ao que parece, o seu acervo poético foi adquirido por Athayde. É certo que alguns de seus folhetos foram por Athayde publicados. No entanto, vale a pena chamar a atenção para uma particularidade importante: quando Athayde publicava versos que não eram seus, não colocava o nome do autor, saindo apenas “Editor João Martins de Athayde”. É claro que aqui se percebe o lado comercial. Leandro já estava esquecido. As novas gerações não o conheciam. O nome realmente conhecido era o de Athayde. Valia como um valioso cartaz de propaganda. Daí sair o seu nome impressionando o povo que não se apercebia que ele era só o editor. (Apud MAIOR, 2000, p. 35).

Valdemar Valente (1976) não aceita a acusação de plágio que ainda é atribuída ao poeta João Martins de Athayde, que segundo ele, possuía as características do típico sertanejo nordestino, como honestidade e honra. Valente completa dizendo:

No meu modo de entender, devem os exegetas e comentadores da poesia de cordel se armar de argumentos objetivos, de provas concludentes dos plágios alegados; fatos e não apenas palavras. Do contrário, nada poderá ser levado a sério. (Apud MAIOR, 2000, p.36)

Observemos como Valdemar Valente (1976) defende o poeta João Martins de Athayde e ao final mostra o seu ponto de vista em relação às várias críticas e acusações direcionadas ao poeta. O que, segundo ele são críticas parciais, em que aqueles que o acusam não consideram a obra de Athayde em seu conjunto.

A partir das palavras dos autores citados, podemos compreender como eles discorrem sobre a questão que envolve os folhetos de João Martins de Athayde e Leandro Gomes de Barros. No entanto, torna-se nítido como os próprios autores não deixam de destacar o mérito do poeta, mesmo que seja comum em discussões sobre literatura de cordel a crítica que fazem a João Martins de Athayde.

Para não confundir a leitura deste trabalho e do trabalho produzido pelo próprio

Athayde, apresentarei alguns folhetos que segundo Átila Almeida (1978) são de autoria do poeta. Assim não haverá dúvidas em relação à verdadeira autoria. Uma vez que, como vimos João Martins de Athayde é muitas vezes acusado de plágio. Cito aqui alguns títulos: *A Condessinha Roubada, O Fantasma do Castelo, Amor de Pirata, O Casamento do Calangro, Amor de Perdição, O Dia de Juízo, Como Lampião Entrou na Cidade de Juazeiro Acompanhado de Cinquenta Cangaceiros, A Filha do Boiadeiro, Uma Festa no Sertão, Dr. Caganeira, Lampião em Villa Bela, O Monstro do Rio Negro, A Morte de Lampeão, A Paixão de Madalena, A Morte de Lampeão – A Chegada de Lampeão e Maria Bonita a Maceió e Corisco Vingando o Chefe, A Princesa sem Coração, As Proesas de Lampeão, História de Paulo e Maria, O Lobo do Oceano, O Jeca na Praça, O Homem que Nasceu Para Não Ter Nada, A Guerra dos Animais, A Infelicidade de Dois Amantes, História do Valente Vilela, História de Um Rico Aparente, A Garça Encantada, Juvenal e o Dragão, Uma Viagem ao Céu, O Segredo da Princesa, A Sorte de Uma Meretriz, O Triste Fim de Um Orgulhoso, A Pérola Sagrada, A Princesa Sem Coração, A Rainha que Saiu do Mar, O Retirante, Nobreza de um Ladrão, O Poder Oculto da Mulher Bonita, O Recife Novo, Peleja de João Athayde Com Raimundo Pelado, O Touro de Umbuzeiro, Os Últimos Dias da Humanidade ou o Fim do Mundo, A Vida de Nascimento Grande – O Homem do Pulso de Ferro, A Desventura de um Analfabeto ou O Homem que Nunca Aprendeu a Ler, O Casamento do Bode com a Raposa, Um Amor Impossível, A Fada e o Guerreiro, A Filha do Bandoleiro, A Filha do Boiadeiro, Em Homenagem as Mulheres, História de Dimas o Bom Ladrão, História de Joãozinho e Mariquinha, Discussão de um Criolo com um Padre, História da Imperatriz Porcina, História da Escrava Guiomar, A Grande Surra que Levou Cordeiro Manso de João Athayde por Desafiá-lo, História da Moça que Foi Enterrada Viva ou a Infeliz Sofia, História da Princesa Elisa, A Lamentável Morte do Padre Cícero Romão Batista o Patriarca de Joazeiro, Mabel ou Lágrimas de Mãe, Infelicidade de Dois Amantes, História do Menino da Floresta, O Prisioneiro do Castelo da Rocha Negra.*

Esses são apenas alguns títulos de versos publicados e de autoria de João Martins de Athayde em que podemos observar uma vasta variedade de temas que envolvem o real, o imaginário, a aventura, a religião, o cotidiano, os costumes e outras características utilizadas pelo poeta em seus folhetos.

3.1 Lampião representado nos versos do poeta João Martins de Athayde

Contudo, cabe aqui destacar e analisar os versos em que João Martins de Athayde

remete a figura de Virgulino Ferreira da Silva – Lampião, objetivo central deste trabalho. Como o poeta apresentou através de versos esse famoso cangaceiro? Ele fez uso do imaginário ou do real? Como ele constrói a figura de um cangaceiro? Essas são algumas questões que irei apresentar.

Rosilene Alves de Melo (2010) explica que as primeiras edições de folhetos de cordel no Brasil não possuíam imagens, desenhos em suas capas. Os folhetos continham apenas informações básicas em que o leitor identificava o poeta e o tema da história. Outros identificavam além dessas informações, a data e o local de publicação, o preço e a editora.

Segundo a autora, foi João Martins de Athayde:

Um dos responsáveis pela introdução de imagens nas capas, quando passou a recorrer a desenhistas e caricaturistas que trabalhavam para o *Jornal do Recife* e para o *Diário da Manhã* para produzirem as ilustrações. Durante muitos anos o desenho foi uma das técnicas mais empregadas na confecção das ilustrações impressas nas capas; (...) Nestes jornais, João Martins de Athayde conheceu o trabalho de Antônio Avelino da Costa, que se tornou seu maior colaborador na ilustração de capas, utilizando como técnicas tanto o desenho quanto o clichê. (MELO, 2010, p.107).

O folheto intitulado *Lampião em Villa Bela* (hoje Serra Talhada-PE) escrito por João Martins de Athayde em setembro de 1946 apresenta na capa o grupo de Lampião:



Capa ilustrada com a imagem do grupo de Lampião.

Nos versos iniciais do folheto, João Martins de Athayde alerta para a falta de segurança no sertão nordestino com o terror causado pelos cangaceiros, e mostra a intenção dos governantes locais em prender os cangaceiros:

O viajante que vae
A mandado do patrão,

Fazer negocios urgentes
 Ao commercio do sertão
 E quando menos espera
 Encontra a terrível fera,
 Pronta a entrar em ação.

O sertão está tornado
 Num lugar sem garantia
 Ninguém pode viajar
 Nem passar na travessia
 É um suplicio danado
 Porque se é emboscado
 A qualquer hora do dia.

Também é preciso ser
 Homem aventureiro,
 P'ra ir ao sertão cair
 Nas garras do cangaceiro
 Faz qualquer um receiar
 Pois p'ra gente se soltar,
 Precisa muito dinheiro.

Felizmente o Dr. Julio
 Governador do estado,
 Por ser um homem direito
 E bem intencionado
 Sabe tudo que carece
 Está tomando interesse,
 Para prender o culpado.

Então o Major Theophanes
 Já tomou o seu destino,
 Com um grosso contingente
 Em busca do assassino
 E todo mundo há de ver
 Que vai mesmo suceder,
 Como se deu com Silvino.

Em seguida, o poeta relata um acontecimento ocorrido no sertão envolvendo um viajante que teria sido vítima de Lampião:

Nestes dias no sertão
 Um distinto cavalheiro
 Viajante da Standard
 De nome Pedro Mineiro
 Sem esperar a cilada
 Caiu em uma emboscada,
 Do terrível cangaceiro.

Ao leitor eu vou narrar
 Tudo como se passou,
 Porque quem viu a tragedia

Veio cá e me contou
 Repare com atenção
 Ele no fim da questão,
 De que forma se salvou.

Viajava em automóvel
 Com um outro camarada,
 Já perto de Vila Bela
 Iam sem pensar em nada
 Quando olharam para frente
 Viram um grande contingente,
 Que vinha pela estrada.

Era um grupo de bandidos
 Que logo assim ao chegar,
 Botaram os rifles em cima
 Mandando ele parar
 O chauffeur obedeceu
 E o resto que sucedeu,
 Faz até medo contar.

E o pobre viajante
 Naquela hora fatal,
 Temendo que Lampeão
 Desse-lhe um golpe mortal
 Pediu como muito cuidado
 Ao bandido desgraçado,
 Para não lhe fazer mal.

Nos próximos versos Athayde descreve Lampeão como um homem capaz de praticar boas ações. O poeta não deixa de exaltar o lado bondoso do bandido:

Então o bandido fez
 De uma forma muito honrosa,
 Pois dizem que Lampeão
 É uma cobra manhosa
 Porém tem bom coração
 Porque nessa ocasião,
 Fez uma ação generosa.

Atendeu o viajante
 O senhor Pedro Mineiro,
 Não fazendo mal nenhum
 Deixou-o prisioneiro
 Tomou-lhe mais uns anéis
 Também uns contos de réis
 Que ele levava em dinheiro.

Depois levou o rapaz
 Para onde bem queria,
 E o mesmo acompanhou
 Porque de nada sabia

Seguiu com muito cuidado
Vendo a hora ser sangrado,
Sem a menor garantia.

E caminhou muitas léguas
Que suplicio desgraçado
Um moço destes da praça
Que só viaja montado
Na volta de Lampeão
Andar a pé no sertão,
Sem se mostrar enfadado.

Porem ele mesmo disse
Que nesse grande perigo,
O bandido Lampeão
Mostrou ser um bom amigo
Tomou-lhe o que conduzia
Porem sempre lhe dizia,
Que não bolia comsigo.

E este pobre que estava
Já quasi sem esperança,
Sabendo que doutra forma
Ele tomava vingança
Naquela hora mesquinha
Deu-lhe tudo quanto tinha,
E o anel de aliança.

Em seguida, João Martins de Athayde escreve sobre o bando de Lampeão e como o viajante Pedro Mineiro narrou o momento em que esteve nas garras do cangaceiro:

Lampeão possui agora
No seu grupo actualmente
115 cangaceiros,
Um enorme contingente
Tudo com muita perícia,
Tudo se mostra contente.

O viajante que é
Muito bôa creatura,
Narrou aos jornais daqui
A sua grande aventura
Disse que não faltou nada
Café, pão e carne assada,
Farinha com raspadura.

Nos versos seguintes, João Martins de Athayde descreve o encontro de Lampeão com as forças policiais e mostra o seu ponto de vista em relação a presença dos cangaceiros nos caminhos do sertão:

(...) Quando completou dois dias
 Que se deu essa prisão,
 Uma força do governo
 Que andava no sertão
 Por um boqueirão estreito
 Encontrou-se peito a peito
 Com o grupo de Lampeão.

Então eles resistiram
 Todos bem municados,
 Aquele ataque imprevisto
 Não se mostrando alarmados
 Atiravam com destresa
 Porque vinham com certesa,
 Quazi trezentos soldados.

(...) Agora qualquer pessoa
 Que tiver o ensejo
 De viajar no sertão
 Porque da forma que vejo
 Não escapa mais ninguém
 Tanto ao roçeiro também,
 Como o próprio sertanejo.

É um martirio damnado
 De nos causar sensação,
 Esse micróbio voraz
 Causando mal a nação
 Faz tudo ficar maluco
 Lampeão em Pernambuco,
 Imperando no sertão.

Dando continuidade aos versos, o poeta destaca as mazelas que assolam o sertão nordestino e que vem a somar com as ações dos cangaceiros:

(...) Tudo vem martirizar
 O nosso Brasil cansado,
 Em vez de se melhorar
 Vive tudo desgraçado
 É uma luta renhida
 Não há um meio de vida,
 Que melhore o nosso estado.
 Começa desde a pobreza
 Do meio do proletario,
 Está atingindo hoje
 Ao alto milionario
 Oh! Que tortura tão vil
 A vida aqui no Brasil,
 É um conto de vigario.

Com a falta de emprego e a fome presentes na vida do povo sertanejo, João Martins de

Athayde mostra como o cangaço seria uma consequência de tais fatores:

Pedir esmola hoje em dia
 Não é bôa profissão,
 Então ele deixa a vida
 Segue a pé para o sertão
 Somente p'ra se vingar
 Vae pedir p'ra se alistar,
 No grupo de Lampeão

Daquele dia em diante
 Faz tudo que tem vontade
 Também não sobre na vida
 O rigor da crueldade
 Já despresou á sacola
 Deixou de pedir esmola,
 P'ra fazer barbaridade.

Podemos observar nos versos citados como Athayde mostra a perversidade dos cangaceiros e ao mesmo tempo expõe o sofrimento do sertanejo que não vendo outro caminho ingressa no banditismo para garantir sua sobrevivência através da força e da crueldade. Athayde também destaca a presença de Lampeão no estado de Pernambuco, como o cangaceiro despertava medo e injustiça na região sertaneja.

O segundo folheto analisado recebe o título *Como Lampeão Entrou na Cidade de Juazeiro Acompanhado de Cinquenta Cangaceiros e como Ofereceu os Seus Serviços á Legalidade Contra os Revoltosos*, escrito por João Martins de Athayde no ano de 1926. Neste folheto o poeta narra a passagem do cangaceiro na cidade de Juazeiro do Norte em março de 1926. Padre Cícero Romão Batista permitiu a entrada de Lampeão na cidade e o convite foi feito pelo deputado Floro Bartolomeu. A capa do folheto é ilustrada com a imagem de Lampeão e seu irmão, também cangaceiro.



Capa ilustrada com a imagem de Lampião e seu irmão.

Nos primeiros versos deste folheto João Martins de Athayde descreve os trajes, objetos e armas usados pelos cangaceiros:

(...) Cerca de cinqüenta homens
 Cada qual mais bem armado
 Trajando roupa de cáqui
 Tudo bem municiado
 Desde o mais velho ao mais moço
 Tinha um lenço no pescoço
 Preso num laço amarrado

Compunha-se o armamento
 De fuzil, rifle e punhal
 Cartucheira na cintura
 Medonha e descomunal
 Conduzindo muitas balas
 Ninguém podia contá-las:
 Dizia assim o jornal

João Martins de Athayde apresenta alguns cangaceiros que faziam parte do bando de Lampião e mostra como eles não demonstravam arrependimento por seguir aquela vida nômade. Mesmo sendo constantemente perseguidos pelas forças policiais, os cangaceiros gostavam da vida que levavam. Athayde atribui aos cangaceiros os sinônimos de força, valentia e honra características típicas do homem sertanejo, do cangaceiro. Ao mesmo tempo em que são bandidos sanguinários, o poeta também os caracteriza como homens valentes e honrados:

A maioria dos homens
 Que compõe-se o pelotão

São filhos de Pernambuco
 Bem do centro do sertão
 Os de Pageú de Flores
 Que também são defensores
 Do valente Lampião

Um deles chama-se Gaio
 Dizem que luta com três
 Pela fortidão parece
 Ser filho de holandês
 Diz que tem vinte e dois anos
 E é um dos pernambucanos
 Que nunca entrou no xadrez

Tem só dois homens casados
 No grupo de Lampião
 O mais é tudo solteiro
 Mostrando satisfação,
 Se entram em certo perigo
 Porém faz muitos amigos
 Por todo aquele sertão

De todos não tem um só
 Que se mostre arrependido
 Embora que da polícia
 Vivem sempre perseguidos
 Dizia assim um gaiato:
 Quem se confia no mato
 Vive sempre garantido

Chumbinho é um dos melhores
 Do grupo de Lampião
 Tem vinte anos de idade
 E com boa disposição,
 Só se vê ele contente
 Narrando constantemente
 Seus feitos pelo sertão

Em seguida, João Martins de Athayde descreve como Lampião foi recebido pela população de Juazeiro do Norte em março de 1926:

Causou admiração
 Ao povo do Juazeiro
 Quando Lampião entrou
 Mansinho como um cordeiro,
 Com toda sua regência
 Que lhe rende obediência
 Por ser leal companheiro

Em Juazeiro hospedou-se
 Em casa de um seu irmão
 Aglomerava-se o povo

Todo em uma multidão,
 Dizendo: “Não está direito
 Sou vou daqui satisfeito
 Quando olhar pra Lampião”

De toda parte chegava
 Gente para o Juazeiro
 Alguns deles se vestiam
 Com as roupas d’um romeiro,
 Quem morava no deserto
 Vinha pra ver bem de perto
 O famoso cangaceiro

Nos versos seguintes o poeta apresenta as características físicas e a indumentária do famoso cangaceiro, além disso, destaca a imagem pública construída pelo próprio Lampião através da imprensa:

Um repórter da Gazeta
 Com Lampião quis falar
 No meio da multidão
 Quase não pôde passar
 Machucando muita gente
 Pôde ele finalmente
 Com Lampião conversar

Ali se complementaram,
 E começou o jornalista
 Da vida de Lampião
 Saber por uma entrevista,
 Narrou tintim por tintim
 Do princípio até o fim
 Sem nada perder de vista

Começou logo a conversa
 De uma forma animada
 Lampião tinha a linguagem
 Muito desembaraçada,
 Mostrando sua importância
 Falando com arrogância
 Como quem não via nada

O repórter na conversa
 Prestava toda atenção
 Gravou na mente o retrato
 Bem fiel de Lampião,
 O seu perfil natural
 De um modo original
 Com a maior perfeição

Estatura mediana
 O corpo bem comedido
 O rosto bastante oval
 E queixo muito comprido

Eis os traços principais
 Deste que entre os mortais
 Tornou-se tão conhecido

Ele traz o seu cabelo
 Americano cortado
 Traz a nuca descoberta
 Usa o pescoço raspado,
 Os dedos cheios de anéis
 Boa alpercata nos pés
 Pra lhe ajudar no serrado

Tinha a calça de bom pano
 Paletó de brim escuro
 No pescoço um lenço verde
 De xadrez e bem seguro
 Por um anel de brilhante
 Que se via faiscante
 Por ter um metal mais puro

Usava óculos também
 Pra encobrir um defeito
 Moléstia que Lampião
 Sofre no olho direito,
 Mesmo assim enxerga tudo
 Pois no sertão tem estudo
 Faz o que quer a seu jeito

Nos versos que seguem João Martins de Athayde descreve a posição do cangaceiro diante do repórter e como Lampião narra a sua trajetória no mundo do cangaço. O poeta destaca um ponto crucial da vida de Lampião: como ele construía sua própria imagem de homem honrado e valente. A partir dos versos de Athayde podemos entender como Lampião divulgava a sua imagem a sociedade através dos veículos de comunicação:

O tempo que Lampião
 Com o repórter conversou
 Conversa que certamente
 Mais d'uma hora durou
 Conservou-se muito sério
 Mostrava com todo império
 A fama que conquistou

Não desprezou um momento
 Seu mosquetão de Vitória
 Aquela sinistra lenda
 Pra ele tem fama e glória,
 Se julga reconhecido
 Que seu dever tem cumprido
 Pra ter nome na história

Num tamborete sentado
 Lampião só respondia
 Às perguntas que o repórter
 Com assento lhe fazia,
 Sempre de arma na mão
 Prestando muita atenção
 Ao movimento que havia

Assim naquela atitude
 Rosto firme, olhar insano
 Quem o visse não dizia
 Ser um ente desumano,
 Prestava atenção a tudo
 Com um caráter sisudo
 Parecia um soberano

Suas armas pesam muito
 Porém Lampião não sente
 Mais de quatrocentas balas
 Carrega sobressalentes,
 Às vezes dói-lhe o espinhaço
 Porque o grande cangaço
 Empina ele pra rente

O repórter perguntou
 A Lampião sua idade
 Tenho vinte e sete anos
 Com toda serenidade,
 Sinto-me bastante forte
 Não tenho medo da morte
 Nem fujo da autoridade

Há dez anos me ajuntei
 Com o grupo do Pereira
 Inda não tive vontade
 De abandonar a carreira,
 Me dei bem com o negócio
 Ainda encontrando um sócio
 Não vou esta asneira

Porém quando eu deixar
 Esta predileta arte
 Da melhor sociedade
 Eu tenho de fazer parte,
 Aí ninguém mais protesta
 Vivo numa vida honesta
 Sem usar do bacamarte

Nos próximos versos, João Martins de Athayde narra como Lampião justificava as suas ações violentas:

O repórter perguntou
 Se ele não se comovia
 Com os assaltos ás fazendas
 Usando da tirania
 Na propriedade alheia
 Sempre de algibeira cheia
 Pelos roubos que fazia

Lampião lhe respondeu:
 “Não fiz mal a esta gente
 Se acaso peço dinheiro
 É muito amigavelmente”
 No meio da entrevista
 Lampião ergueu a vista
 De lado viu um tenente

Lampião disse ao repórter
 Se acaso eu for derrotado
 O meu irmão fica aí
 No meu lugar colocado,
 A casa está definida
 Quem vier tirar-me a vida
 Diga que está desgraçado

Como Lampião é visto em sua ambigüidade na Literatura de Cordel, nos versos de João Martins de Athayde não é diferente. Em determinado momento da história que narra, Athayde expõe a admiração de uma senhora pelo valente cangaceiro. Dessa forma podemos perceber a dualidade que envolve a imagem de Lampião. O que mostra como ele não era visto apenas como um bandido perigoso, mas um homem de coração bom, sendo capaz até mesmo de alcançar milagres através de seu espírito religioso:

Ali chegou uma velha
 Com uma imagem na mão
 O repórter e mais alguém
 Prestaram toda atenção,
 Disse a velha paciente:
 “Eu trago aqui um presente
 Pro *coroné* Lampião”.

Disse a velha:” Aqui eu trago
 Remédio pra sua dor
 Guarde consigo esta imagem
 E tenha fé no Criador,
 Pelo poder do Messias
 Inda brigando dez dias
 Bala não fere o senhor

Recebeu ele a imagem
 Da forma que lhe convinha
 Acreditando o milagre

Que a velha disse que tinha,
 Pegou um dos seus anéis
 E mais um conto de réis
 Botou na mão da velhinha

Terminada a entrevista
 Falou assim Lampião
 Disse para o jornalista:
 “Me ofereça um cartão
 Seja bom para comigo
 Escreva lá um artigo
 Pra ver se eu tenho perdão”

Lampião teria ido á Juazeiro do Norte com o intuito de impedir as ações da Coluna Prestes, organizada por Luiz Carlos Prestes. João Martins de Athayde narra como a população de Juazeiro estava confusa em relação a essa passagem do cangaceiro na cidade. Lampião já teria ajudado a salvar das mãos dos revoltosos uma cidade pernambucana e em Juazeiro do Norte, faria a mesma coisa. Esse seria o motivo de sua passagem no local:

O povo de Juazeiro
 Todos queriam saber
 Ali naquela cidade
 Lampião que foi fazer
 De fato, a sua presença
 Produziu a mais imensa
 Dúvida que se pode ter

Dizia o jornal que ele
 Andava assim na cidade
 Na terra do Padre Cícero
 Gozando da liberdade,
 É porque foi confirmado
 Que ele tinha prestado
 Serviço á legalidade

Em Cipó de Pernambuco
 Estava um combate travado
 Por contingentes legais
 Com um grupo revoltado,
 Se Lampião não chegasse
 Que aos legais ajudasse
 Tudo estava derrotado

De um batalhão patriota
 Da primeira companhia
 Do senhor tenente Chagas
 Por certo se acabaria,
 Se não fosse Lampião
 Que se meteu na questão
 Até o chefe morria

O combate foi renhido
 Foi uma luta de glória
 Uma espada de briosa
 É o facho da Vitória,
 Que Lampião apresenta
 Dizendo: “Esta ferramenta
 Leva meu nome á história”

Bastante reconhecido
 Com este feito guerreiro
 O mesmo tenente Chagas,
 Como amigo verdadeiro
 Trouxe Lampião contente
 E entrou com ele á frente
 Nas portas do Juazeiro

Foi por sua conta e risco
 Que no Juazeiro entrou
 Na frente do Padre Cícero
 Tenente Chagas provou,
 Deixando o povo ciente
 Que todo seu contingente
 Foi Lampião que salvou

Nos versos finais, João Martins de Athayde mostra como o Padre Cícero Romão se pronunciou á população que se encontrava confusa em relação ao bando de Lampião na cidade. Athayde mostra como o Padre Cícero justificou a presença de Lampião e a prestação de seus serviços:

Da polícia em Juazeiro
 Ouve grande oposição
 Porque queriam prender
 O famoso Lampião,
 Não puderam conseguir
 Porque precisavam ouvir
 O padre Cícero Romão

Em menos de meia hora
 Juntou-se uma comissão
 Foram conferenciar
 Com o Padre Cícero Romão,
 Temendo alguma censura
 Foram exigir a cultura
 Do povo de Lampião

Disse o padre: “Nesse ponto
 Eu nada tenho a dizer
 Falsidade áquele homem
 Também não posso fazer
 Como é que eu vou maltratar

Quem ajudou a livrar
Nosso povo de morrer?"

Todos olham bem pra ele
Com muito ódio e rancor
"Eu sou chefe da igreja
Dei provas de bom pastor,
Não consinto violência
Tenham santa paciência
Não posso ser traidor"

O que eu posso arranjar
Para não ser censurado
É fazer por onde ele
Só ande aqui desarmado,
E tomo conta do resto,
Faço dele um homem honesto
Pacato e moralizado.

Podemos observar como João Martins de Athayde descreve cada detalhe da passagem de Lampião em Juazeiro do Norte. O poeta narra desde a entrada do cangaceiro na cidade até a justificativa do Padre Cícero a população. O poeta apresenta a figura de Lampião destacando suas vestimentas, armas e adereços. Além disso, apresenta também como o povo entende a figura de Lampião, que seria a do bandido maldoso e sanguinário. Porém não deixa de ressaltar a admiração e curiosidade das pessoas para com o cangaceiro Lampião.

Vários foram os folhetos que João Martins de Athayde escreveu sobre cangaceiros, não somente sobre a figura mítica de Lampião, mas também sobre outro grande símbolo do cangaço, o afamado Antônio Silvino. Contudo, nos folhetos analisados acima, podemos observar a nítida posição do poeta em relação ao cangaceiro Lampião.

Os versos escritos por Athayde não deixam de focar a figura do sertanejo que segue os caminhos do sertão sem temer as forças policiais. O sertanejo valente e ousado, que segue uma vida errante por prazer. Cometendo o mal porque o mal lhe fizeram.

A autora Ruth Terra (1983) em sua obra já citada utiliza um depoimento que João Martins de Athayde concedeu a Paulo Pedroza do *Diário de Pernambuco* no ano de 1944. Neste depoimento, o poeta expõe algumas características dos seus folhetos sobre cangaceiros, em que se baseava para escrevê-los.

Em algumas me aproveitei do que noticiava o jornal, noutras do que me contava a boca do povo. E em algumas não me baseei em fato nenhum. Imaginei o caso e fiz o meu floreio. Conheci pessoalmente Antônio Silvino. Era no tempo o bandoleiro mais temido. (...) Já Lampião era diferente do 'capitão', com dois anos apenas de cangaço aparecia com o retrato nos jornais, cercado pelo grupo. (Apud Terra, 1983, p. 46-47).

Não é um equívoco dizer que João Martins de Athayde é um dos maiores símbolos da literatura de cordel. Mesmo após a sua morte, seu nome sempre está presente quando se trata de folhetos de cordel no Brasil.

Usando da sátira, do bom humor, do real, do mito, do imaginário, dos jornais e noticiários, João Martins de Athayde apresenta em seus versos um dos vários “Lampião” existentes na literatura de cordel.

A partir dos folhetos analisados pode-se entender que o Lampião que aparece nos versos escritos por Athayde corresponde ao cangaceiro sanguinário, valente e ousado que não teria medo das Forças Volantes que o perseguia. O homem que decidiu seguir suas próprias leis e gostava daquilo que fazia. Athayde também apresenta a imagem de um cangaceiro capaz da ação humana, que apesar da personalidade forte também possuía um espírito generoso, um devoto do *Padim Ciço do Juazeiro*. O cangaceiro que ainda desejava o perdão por todos os crimes que cometera.

Conclui-se então que na literatura de cordel, centenas são os folhetos que narram a história e os feitos desse grande cangaceiro. Cada folheto representa o pensamento do autor, que escreve seus versos baseando-se principalmente nas histórias contadas pelo povo a respeito de Lampião.

Analisar todos os folhetos escritos sobre Lampião tornar-se-ia tarefa árdua e quase impossível, pois cada poeta fala de um lugar distinto, carregando um pensamento que melhor se adapta a seu ponto de vista sobre o cangaceiro.

Contudo, João Martins de Athayde destaca-se em meio a tantos poetas, não somente pela forma em que fala de cangaço e cangaceiros, mas também pela sua própria história de vida, e sua contribuição significativa para a produção e edição de folhetos no país. Athayde é sem dúvida um grande poeta que merece ser reconhecido pelo trabalho que desenvolveu e pelo grande sucesso de seus folhetos no Brasil.

João Martins de Athayde foi e merece ser aclamado não somente pelos estudiosos da literatura de cordel, mas por todos aqueles que conseguem ver nos versos a criatividade e inteligência de homens humildes que vinham na maioria das vezes do campo para as praças das pequenas cidades e depois para as capitais alegrar as pessoas com as histórias encantadas sobre heróis, bandidos, cangaceiros, enfim. Histórias que não podem ser esquecidas ou vistas apenas como um *passado glorioso* como já citava Mark Curran, mas histórias que devem ser vistas como uma parte rica da nossa história, do nosso povo, principalmente do sertanejo que encontrava nos versos uma forma de ser feliz diante de tantas adversidades.

CONCLUSÃO

Com base no trabalho desenvolvido, torna-se nítido e compreensível a contribuição da Literatura de Cordel no processo de construção da imagem do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva – Lampião.

A partir das pesquisas realizadas, pudemos conhecer o amplo campo dos folhetos escritos sobre Lampião e o Cangaço, uma vez que são os temas mais comuns nos ciclos temáticos da literatura de cordel.

João Martins de Athayde foi um grande poeta e editor de folhetos no Brasil, aclamado nos anos 40, trabalhou com os versos até 1949. Comprou e vendeu direitos autorais. Contudo, é visto por muitos autores sob a acusação de plágio. Assim como tantos outros poetas brasileiros, Athayde escreveu sobre o afamado Lampião. Usando do imaginário, do real e das notícias veiculadas pelos jornais, o poeta narrou diversos folhetos sobre os feitos e a vida de Lampião. Em seus versos, podemos encontrar a imagem de um cangaceiro valente e maldoso ao mesmo tempo em que se mostrava homem bom e religioso. O poeta narra a imagem do cangaceiro em sua ambigüidade: bandido e homem honrado, o justiceiro que gostava do que fazia.

Entretanto, o poeta não deixa de relatar o mal que os cangaceiros causaram aos sertanejos. Chama a atenção para o papel das autoridades no processo de assegurar a vida do homem trabalhador do sertão.

Athayde destacou-se na literatura de cordel através sua própria história de vida. Venceu o analfabetismo que era um dos grandes problemas presente durante o século XIX. Aprendendo a ler e a escrever seguiu em rumo da cidade grande e conseguiu aos poucos montar sua própria gráfica e se constituir como um poeta de respaldo. Ao lado de Leandro Gomes de Barros, contribuiu significativamente no processo de edição de folhetos e de desenvolvimento da literatura de cordel. Como um dos grandes símbolos desta literatura, Athayde merece destaque e reconhecimento no que se refere a história da literatura de cordel no Brasil..

Pode-se concluir que Lampião compõe um dos temas de destaque na produção de versos de cordéis. Sua imagem transformou-se em mito, e longe está de ser esquecido pelos poetas. Centenas são os folhetos escritos sobre ele, sendo que a produção não cessa. Não somente como um bandido sanguinário, entre o ano de 1926 e 2001, Lampião é apresentado

como herói e constitui a imagem de um *Hobin Hood*, onde roubava dos ricos e ajudava os pobres necessitados. Atualmente ainda são inúmeros os folhetos escritos sobre este cangaceiro, e sua imagem ainda não deixou de ser narrada em uma ambiguidade. Histórias imaginárias e reais são narradas em torno da figura do maior símbolo do cangaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Junior Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 3. ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

ALMEIDA, Átila A. F. de. **Dicionário Bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancadas**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1978.

ATHAYDE, João Martins de. **João Martins de Athayde**: introdução e seleção de Mário Souto Maior. São Paulo: Hedra, 2000.

BARROZO, Gustavo. **Almas de Lama e de Aço - Lampeão e outros cangaceiros**. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1930.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Rio de Janeiro: Papyrus, 1995.

CLEMENTE, Marcos Edílson de Araújo. **Cangaço e Cangaceiros: Histórias e Imagens Fotográficas do Tempo de Lampião**. Tocantins, Universidade Federal do Tocantins, 2007. Disponível em: <www.revistafenix.pro.br>. Acesso em: 09 Jan. 2012.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em Cordel**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

DUTRA, Wesley Rodrigues. *Nas Trilhas do “Rei do Cangaço” e de suas representações (1922-1927)*. 2011. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

FACÒ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

GONÇALVES, Marco Antonio. **O Mundo Poético do Cordel: um ponto de vista antropológico**, 2008.

GRUNSPAN, Jasmim Élise. **Lampião Senhor do Sertão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

HOBBSAWM, E. J. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

JANOTTI, Maria de Lourdes M. **O Coronelismo: uma Política de Compromissos**. 8. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.

LUYTEN, Joseph M. **O Que é Literatura Popular**. 5. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do Verso: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

NOVA, Sebastião Vila. **João Martins de Athayde: Artista Popular e Empresário Urbano.** Fundação Joaquim Nabuco, Pernambuco, 1985.

SILVA, Raymundo José da. *Identidades e Representações do Nordeste na Literatura de Cordel.* 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2008.

TERRA, Ruth Lêmos. **Memórias de Luta: a Literatura dos Folhetos do Nordeste, 1893-1930.** São Paulo, Global/Secretaria de Estado da Cultura, 1983.

Folhetos de cordel (Fontes):

A chegada de Lampião no inferno. José Pacheco. 1993.

As ruindades que Lampião fez, sua vida e sua morte. João Peron. s.d.

Cartaz Inglês. Homero do Rego Barros. 1991.

Como Lampião Entrou na Cidade de Juazeiro Acompanhado de Cinquenta Cangaceiros e como Ofereceu os Seus Serviços á Legalidade Contra os Revoltosos. João Martins de Athayde. 1926.

Encontro de Lampião com Adão no Paraíso. Manoel D’Almeida Filho. s.d.

Lampião e o sangue de meu pai. Raimundo Santa Helena. 1980.

Lampião e minha mãe violentada. Raimundo Santa Helena. 2001.

Lampião o capitão do Cangaço. Gonçalo Ferreira da Silva. 1983.

Lampião o terror do Nordeste. Rodolfo Coelho Cavalcante. 1979.

Lampião não era tão cão como se pinta. Rodolfo Coelho Cavalcante. 1982.

Lampião - Vagalume do Sertão. Yonne Rabelo. 1982.

Lampião em Villa Bella. João Martins de Athayde. 1946.

Maria Bonita fez uma mulher se abraçar com um pé de mandacaru. João Peron. s.d.

Os Cabras de Lampião. Manoel D’Almeida Filho. S.d.

Vida, Profissão e Morte de João Martins de Athayde. Minelvino Francisco da Silva. s.d.

Sites:

Disponível em: <<http://www.fundacaocasarui Barbosa>>. Acesso em: 12.01.2012, 19.01.2012 e 26.01.2012.